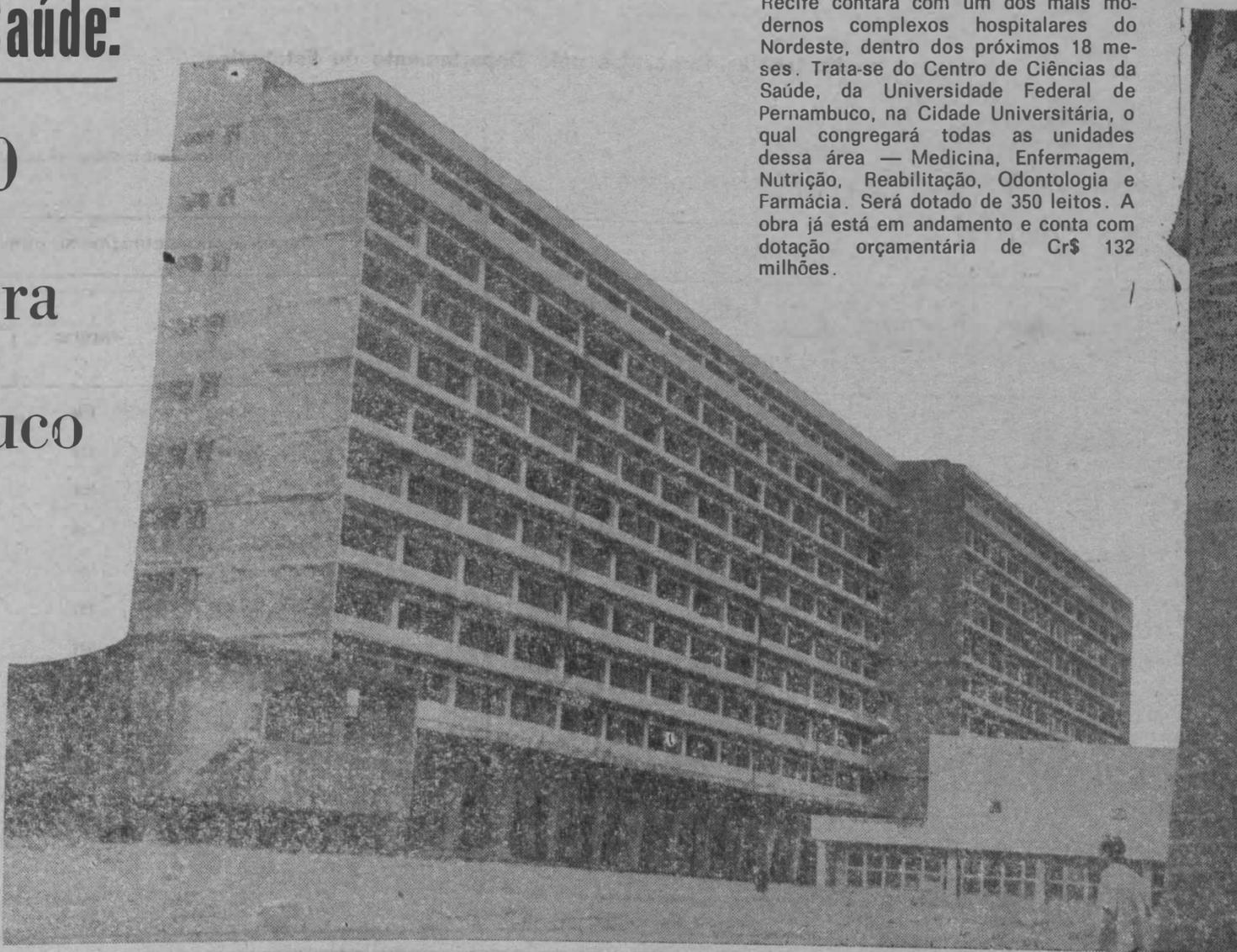




Centro de Saúde:

mais 350
leitos para
Pernambuco

Preço
Cr\$ 2,00



Recife contará com um dos mais modernos complexos hospitalares do Nordeste, dentro dos próximos 18 meses. Trata-se do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco, na Cidade Universitária, o qual congregará todas as unidades dessa área — Medicina, Enfermagem, Nutrição, Reabilitação, Odontologia e Farmácia. Será dotado de 350 leitos. A obra já está em andamento e conta com dotação orçamentária de Cr\$ 132 milhões.

Menina revela sensações como paraquedista

Recife tem talvez a mais jovem paraquedista do Brasil: Tereza Valentina de Lima Wanderley, com apenas 15 anos, revela suas sensações ao rebolar no ar em saltos sensacionais.



Beckenbauer, um recordista do futebol europeu

Ao conquistar todos os recordes possíveis na República Federal da Alemanha, o famoso jogador Beckenbauer revela-se como verdadeiro ídolo aos olhos das platéias europeias.

A integração através das artes, opção universitária.

CRESCIMENTO DA UFPE EM 10 ANOS

Um levantamento estatístico feito pelo setor especializado da Pró-Reitoria de Planejamento revela o estágio de crescimento por que vem passando a Universidade Federal de Pernambuco, nos últimos dez anos, com relação aos corpos docente e discente, principalmente este último. Os números indicam que a UFPE está relacionada entre os maiores complexos universitários do País.

As tabelas fornecidas pelo Departamento de Estatística:

1.3 Evolução numérica dos alunos matriculados em cursos de mestrado — 1966-75

ANOS	ALUNOS DE MESTRADO			
	NÚMERO ABSOLUTO	ÍNDICE	ACRÉSCIMO	
			ABSOLUTO	%
1966	135	100	—	—
1967	56	41	-79	-58,52
1968	65	48	9	16,07
1969	101	75	36	55,38
1970	207	153	106	104,95
1971	184	133	-23	-11,11
1972	288	213	104	58,52
1973	302	224	14	4,86
1974	360	267	58	19,21
1975	456	338	96	26,67
1976				

1.5 Evolução numérica dos alunos matriculados no ciclo geral e ciclo profissional — 1966-75

ANOS	ALUNOS MATRICULADOS NO CICLO GERAL E CICLO PROFISSIONAL			
	NÚMERO ABSOLUTO	ÍNDICE	ACRÉSCIMO	
			ABSOLUTO	%
1966	4.544	100	—	—
1967	5.407	119	863	18,99
1968	6.266	138	859	15,89
1969	7.535	166	1.269	20,25
1970	8.639	190	1.104	14,65
1971	10.296	227	1.657	19,18
1972	11.223	247	927	9,00
1973	12.310	271	1.087	9,69
1974	11.969	263	-341	-2,77
1975	13.707	305	1.892	15,81
1976	14.318	315	611	4,46

2.14 Distribuição do corpo docente por qualificação e regime de trabalho, segundo a categoria funcional - 1975

CATEGORIA FUNCIONAL	QUALIFICAÇÃO E REGIME DE TRABALHO																									
	TOTAL GERAL	GRADUAÇÃO					PERFEIÇAMENTO					ESPECIALIZAÇÃO					MESTRADO					DOCTORADO				
		TO TAL	12hs	24hs	40hs	DE	TO TAL	2hs	24hs	40hs	DE	TO TAL	12hs	24hs	40hs	DE	TO TAL	12hs	24hs	40hs	DE	TO TAL	12hs	24hs	40hs	DE
Titular	220	120	60	27	20	13	24	8	3	7	6	24	5	7	9	3	11	5	-	2	4	41	15	7	3	16
Adjunto	379	144	83	46	6	9	40	17	13	5	5	99	41	33	15	10	46	16	3	5	22	50	11	12	5	22
Assistente	554	200	122	62	8	8	55	22	23	3	7	131	48	54	5	24	149	20	11	29	89	19	9	7	-	3
Auxiliar de Ensino	391	104	63	22	14	5	124	55	32	19	18	144	70	32	22	20	12	3	4	1	4	7	6	-	-	1
TOTAL	* 1.544	568	328	157	48	35	213	102	71	34	36	398	164	126	51	57	218	44	18	37	119	117	41	26	8	42

Fonte - Pró-Reitoria de Planejamento

* Exclue os docentes de: Ensino Médio - 43
 Curso Isolado 10
 Colaboradores 64
 Visitantes 31
TOTAL 148

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Benedito de Vasconcelos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Telxela
Redatores	Raimundo Carrero
.....	Angelo Monteiro
.....	José Carlos Targino
.....	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Edição mensal pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

Amar a Natureza

Está aí, nas bancas de revistas e jornais de todo o País, o "Manifesto Ecológico Brasileiro", uma das publicações mais completas que já circularam entre nós, sobre Ecologia. Reúne o que há de mais expressivo na bibliografia mundial, nessa área. Trata-se de uma feliz iniciativa da Editora Lançamento Ltda, de Porto Alegre. Aparece como um grito no deserto, um chamado geral em defesa da Natureza, dos solapados recursos naturais.

De há muito que o leitor brasileiro necessitava de uma publicação desse nível, elaborada em linguagem acessível, sem os exagerados rebuscamentos do especialista que fala para o especialista. Tem uma finalidade precípua: contribuir para a formação de uma consciência voltada para o equilíbrio do meio-ambiente, despertando o homem no sentido de caminhar em paz com a Natureza, sem se tornar, de maneira definitiva, o seu abominável predador.

Conscientização que deve começar cedo, desde a sociedade familiar, com os pais, quando menores, dando exemplos positivos aos filhos, de respeito à Natureza, até a escola, onde o ensino, nos três níveis, não deve prescindir da orientação no campo da Ecologia. A propósito, o "Manifesto Ecológico", na matéria sob o título "Agressão cega", faz esta observação:

"Se nas atividades em que diretamente exploramos o mundo vivo é total o desrespeito, não é de admirar que os profissionais das especialidades aparentemente não vinculadas com a Natureza estejam quase sempre atingidos de alienação e cegueira em suas decisões e na aplicação de suas técnicas. Se o agrônomo, o zootecnista, o técnico florestal, possuem, às vezes conhecimentos rudimentares de Biologia e já ouviram falar da importância da Ecologia para suas atividades, o enge-

nheiro, o tecnocrata ou industrial, o burocrata, jurista, financista, economista ou político, o militar, consideram, em geral, dispensáveis os conhecimentos de História Natural. Recentes tendências no ensino, pela promoção da especialização estreita, incrementam ainda este lamentável estado de coisas".

Na matéria "Bacanal do esbanjamento", o Manifesto faz uma análise profunda dos vários aspectos que moldam a vida num prisma cada vez mais artificial, em prejuízo, consequentemente, do ambiente: "Se a Humanidade e a Civilização sobreviverem os próximos 50 anos, os historiadores apontarão nossa época como talvez o momento mais anormal de toda a História do Homem e os biólogos considerarão este o momento mais crítico da longa História da Evolução Orgânica. Nunca antes o Homem pôde comportar-se como hoje se comporta e nunca no futuro poderá repetir o atual delírio. O comportamento atual da Humanidade pode comparar-se ao do pobre diabo que ganhou o grande prêmio da loteria e que, sem saber o que é capital e como preservá-lo, se encontra em plena bacanal de esbanjamento, seguro de que a festa não terá fim. A Sociedade de Consumo é uma orgia. Como tal ela não terá duração. O momento da verdade é inevitável. Estamos agindo hoje como se fôssemos a última geração e a única espécie que tem direito à vida. Nossa ética que não abarca os demais seres, não inclui sequer os nossos filhos".

Como se vê, esses tópicos oferecem ao leitor uma visão do teor do "Manifesto Ecológico Brasileiro", com 12 páginas abordando os diversos ângulos do hoje universal problema dos recursos naturais, analisando-os com profundidade e fazendo ao mesmo tempo sérias advertências, que bem poderiam ser assim resumidas: amemos mais a Natureza.

PERSPECTIVA

ROBERTO AGUIAR

PÃO E BOLA

Só os apaixonados fazem a História porque são prisioneiros espontâneos do instante. Os racionalistas sabem unicamente ganhar dinheiro. É para que serve o cálculo. O resto é paixão. Toda razão sem paixão é apática. Estéril. É o ócio do pau. Os apáticos, quando não são racionalistas, são escravos. Uns ressentidos. E a paixão sem razão é febre. Frustração.

Não existe História no futebol. Tudo é paixão. O Corinthians há vinte-e-dois anos não é campeão, mas São Paulo canta com o Gavião. Tudo é sentimento. Ressentimento. Nos setecentos do mínimo sempre cabem quatro Gerais por mês, quatro cervejas por domingo, uma esperança em cada grito. Viva o Corinthians! Há um Mosqueteiro solto por aí. Um roedor de sonhos. Viva o Corinthians! Quem duvidar de César, vá aos Estádios. Pão, não. Circo. Círculo. O eterno retorno. Com bola e sem psicoanálise. Só Circo.

Não existe seriedade no futebol. É uma paixão. Os sérios são calculistas. Reduzam o consumo da gasolina! É preciso. Trinta ônibus e duzentos automóveis, uma caravana. A caravana do Corinthians. Futebol é preciso. Mil e duzentos quilômetros para ir. Mil e duzentos quilômetros para vir. Futebol é preciso. Futebol também é razão. Quem esquece César? Futebol é História. Há uma esperança para ser alimentada. O Corinthians precisa ser campeão. Os calculistas sabem. Isto é sério.

Toda razão é histórica. Serve uma paixão. Serve para uma paixão. E toda paixão é razoável. Tudo é divisível. Por um, por dois, por mil. Qualquer paixão é racional. Basta ter o homem como denominador. Eis a razão. Matemática. O Corinthians precisa ser campeão. Eis o canto do Gavião. Gol! Gol! Gol! Orgulho de um povo. Gênio e graça de uma gente. Viva Macunaíma! Isto é, viva o Corinthians! Quzentos carros e trinta ônibus. Um Carnaval. Bandeiras e gritos. Bombas! Bombas! O bandeirinha é ladrão! Bombas. Tudo é razoável. O futebol é o denominador. Gastem gasolina! Viva o Corinthians!

Não há paixão em sempre perder. A paixão é pela Vitória. É razoável. Humano. Mas, os Gaviões são fiéis. Se contentam com tudo. Com qualquer coisa. Gritos. Bombas. Os cavaleiros de preto são uns urubus sérios. A prova é o apito. Quem duvida? Todo apito dá um ar de seriedade. Até o sangue pára, ao apito do urubu. Gol! Internacional. Tudo é sempre internacional. Macunaíma! Macunaíma! O Mosqueteiro voa como um Gavião. Os urubus se amedrontam com Gaviões. Bombas! Bombas! Viva o Corinthians! Os frustrados se alegram com qualquer coisa. Viva o Corinthians!

Futebol é conjunto. Association. A paixão é a constante. Sem História. É uma febre de noventa minutos. Um Circo latino. Americano. Os apaixonados não precisam de razão para dançar. Nem de música. Os apaixonados, não. Os frustrados. O Corinthians perdeu e São Paulo também parou. É uma vida de bola. Só vai no chute. Ou no Carnaval, que é a mesma coisa. Não há Paixão. Tudo é Corinthians. Uma bola, Gaviões contra urubus, quatro cervejas, uma esperança com maioridade e um Mosqueteiro de setecentos cruzeiros.

Viva o Corinthians! Nem paixão, nem história. É uma febre. Amarelinha, amarelinha, Ronda. Viva o Corinthians!

Toda loucura é uma paixão razoável. Ou uma razão apaixonante, que é a mesma coisa. Loucura e verdade são tão próximas... A diferença está no sofrimento. A História não é uma coisa de loucos. Nem é um livro de contabilidade. Só os lúcidos são capazes de se apaixonarem, sem ceder à loucura. Não há grandeza em se celebrar a derrota. Não há História dos derrotados. Nem oficial, nem recôndita. O fracasso não faz História. A loucura é o fracasso. Não há jogo no futebol. Nem paixão, nem razão. Corinthians, que paixão de morte é esta? Loucura!?

O Futuro de uma ilusão

Sidrack de Holanda
Cordeiro

Nem todos sabem que Freud, nos últimos anos de sua extraordinária vida, após ter feito uma longa peregrinação pelas ciências naturais, medicina e psicoterapia, retornou aos problemas culturais que o haviam fascinado na juventude: os problemas humanos relacionados com a cultura ou a civilização, isto é, às interações entre o homem e a natureza, o homem e Deus, e o homem e o próprio homem.

Em "O Futuro de uma ilusão" encontramos aquelas teorias freudianas aplicadas à religião, como por exemplo, o complexo de Édipo — "... um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como com seus iguais, mas também lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses... o desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses".

Trata-se, portanto, de um livro de fôlego, escrito com verdadeira mestria, utilizando um raciocínio lógico — científico, tornando-se muito difícil de ser refutado.

Para Freud, os deuses tinham uma triplíce missão:

- exorcizar os terrores da natureza
- reconciliar os homens com a crueldade da qual a morte é a maior.
- Compensá-los pelos sofrimentos e privações que a civilização, em seu aspecto comunal, impõe ao indivíduo.

A religião, uma das principais ilusões e, no entender de Freud, a menos compensadora (a arte também é considerada uma ilusão; sua característica criadora, porém, só enaltece o homem), nada mais é do que a "neurose obsessiva da humanidade", neurose que permanece entre os principais acervos da mesma por causa do "período de latência da ciência" (da psicanálise, inclusive).

Em sendo assim, Freud cita magistralmente Goethe quando disse:

"AQUELE QUE TEM CIÊNCIA E ARTE, TEM TAMBÉM RELIGIÃO; O QUE NÃO TEM NENHUMA DELAS, QUE TENHA RELIGIÃO!"

Estamos, portanto, diante de uma obra notável que, embora escrita e publicada há mais de três décadas, surge ante nossos olhos como portadora de uma das mais lúcidas, pertinentes e ferozes críticas da religião; livro que vale a pena ser lido, meditado e estudado.

Foi, sem dúvida alguma, um dos livros que mais me impressionaram, bem como o sucessor do presente trabalho "O Mal-Estar na Civilização".

Vale ressaltar que, com estes dois livros, Freud ingressou na série de estudos que vieram a constituir seu interesse principal pelo resto da vida.

Acho que esta faceta da vida de Freud deve ser conhecida por todos aqueles que desejam se libertar dos tabus que a civilização nos impõe.



Introdução

... “essa grandeza selvagem da caatinga poeirenta, que nem o inverno ousa cobrir de verde; lugar das restingas solitárias, devesas tristes e aceradas em bordas de grotões e reentrâncias mordentes; ervaçais mirrados no nascedouro, sem gota d’água como refrigerio; grotas escuras e de idade remotíssima em sopé de cabeços íngremes, faz fugir, na sua expressão característica, o olhar sensível do pioneiro. Relva não medra no cinzento dessa paisagem semi-morta, linfas e regatos não manam dessa conformação geológica, atrofiados pela canícula de dez meses consecutivos, impiedosos e brutais. Sim, há na zona dessa caatinga-simulacro, nesse local dos “caaporas”, a fascinação dos ermos, dos prados cujas flores são as sangrentas filhas do cardo e do crauatá, a atração majestática da solidude, quebrada, nas noites de lua — pelo choalhar macabro do cascavel; e nos dias ensolarados — pelo grito estertorante de alguma arribação passageira ou araponga saudosa. Não se vê o rio, o riacho, o manso curso redentor e amigo, as árvores gemebundas, os bosques e vales perfumados pela bonina, os arvoredos frondentes e vigorosos, cujas raízes enlaçadas e mergulhadas fundamente na terra, são uma bênção; o roseiral ou os legumes viçosos, nada disso se vê. Existem, somente, nessas paragens desalmadas, inertes, sem ânimo e sem vigor, a sornidade dos alagares, das gândaras e panascas traiçoeiros, onde os formigueiros armam aos animais fugidios o túmulo que, dezenas de anos mais tarde, terá a demarcá-lo a mancha alvacentas dos esqueletos ressequidos. O avermelhado desse solo, desse caatingal pouco extenso, mas muito rude, as barranqueiras altas e assoalhadas, são cenários pouco convidativos, desde as remotíssimas noites nas quais uma hecatombe imprimiu-lhe o ferro vivo da maldição e da soledade”...

“GRAVATA”, 1.ª Parte, 18.

Alberto Frederico Lins

Farmas de ocupação do solo do Agreste pernambucano

Alberto Frederico Lins, Professor do Curso de Graduação em História e ao mesmo tempo aluno do Mestrado no mesmo Curso, da Universidade Federal de Pernambuco, acaba de elaborar Dissertação sob o tema “Formas de Ocupação do Solo do Agreste Pernambucano”. Ele se destaca como um estudioso da obra de Camilo Castelo Branco, ao lado de Gondim da Fonseca e David Nasser.

Desdobrou o seu trabalho, além da Introdução, em três partes: A Terra, a Penetração Vaqueana (fixação de uma economia) e os Homens. Publicamos nesta edição a Introdução e a Terra, reservando as demais para as edições subsequentes do JORNAL UNIVERSITÁRIO.

A TERRA

Em Pernambuco, o agreste localiza-se, quase todo ele, sobre a plataforma erodida, ondulante e convulsionada da Borborema, o enorme complexo orográfico que, subindo na vertente das Russas, a 60 quilômetros do Recife, estende-se até, pelo norte — à fronteira com o Ceará e, ao sul — desborda-se e anfracta-se nas das Alagoas, suavemente descendo para as ricas planícies do fumo. Zona tampão, penetra noutras regiões, implantando cunhas na mata, a leste, e no sertão, a oeste. Este planalto repleto de rios pequenos, que se multiplicam entre os divisores d’água dos três grandes cursos principais (I) em vales e ravinas profundas, é áspere e ressequido nos planos e descampados, onde uma vegetação rasteira e pobre lembra a caatinga sertaneja, as imensas “chanas” angolanas, e, não raro, assim é conhecida e chamada pelos próprios habitantes. Mais alto no sul do que no norte, tem nas Russas o divisor de água dos rios Ipojuca, que o corta no centro, e Capibaribe. O Ipojuca, que desce para o litoral mais de quinhentos metros num curso irregular e caprichoso de quatrocentos e cinquenta quilômetros, é um rio permanentemente seco em grande parte do leito, repleto de cacimbas, habitat de vermes e único meio de subsistência líquida para o ribeirinho agrestense que lhe vive às margens cariadadas. E sobre o elevado agrupamento dessas terras correm ventos aliseos, transformando determinadas zonas, como a gravataense e a garanhuense, em verdadeiras estações climáticas de pureza comprovada (II). Subindo meio quilômetro no paredão inicial, ainda quando das Russas se avistam as matas do litoral, mais e mais esta região centro-ocidental eleva-se, atingindo, quando começa a aproximar-se do sertão, quase mil metros de altitude. No seu ponto limítrofe e vizinho com a mata úmida da faixa de praias a leste, o chamado agreste setentrional, que, também, é o mais baixo sob o sopé da Borborema, penetra como uma cunha nos canaviais, não raro produzindo, por efeito do clima, safras açucareiras e mantendo usinas, polo de engenhos e típico comércio sulino. Confinando, em largo trecho, com a chamada “mata seca”, a esta dá o “tonus”, a característica transitiva, emprestando-lhe um pouco da semi-aridez que, nos confines do vale do Ipojuca e do agreste meridional, nota-se como presença climática de fato, constante, física e irreversível.

E se a leste — entestando com o verde escuro das serranias de vastas cabeleiras florestais, de esmeraldinos bosques que já foram selvas um dia, recebe e dá equilíbrio às correntes aéreas, a oeste — resseca-se, esturrica-se ao contato dos sertões, que a região arcoverdense é a porta, já encarquilhada, revendo-se nas pedranças e serrotes escalvados, a receberem os raios de um sol implacável, encravados, quais menrus gigantes, no solo adusto e despido, da branquura trágica dos desertos sem vida. O agreste setentrional ainda é um ameno prolongamento da mata, enquanto o extremo do vale do Ipojuca meridional é a amostragem típica da tragédia da terra sertaneja, na sua fisionomia tristonha, marcada pela dor e a desesperança, a desdita de uma eterna disputa por água contra a implacabilidade do sol. Os seus dezenove mil cento e trinta e dois quilômetros quadrados começam, pois, à borda dos canaviais, para subir e calcinar-se nos planos e descampados arcoverdianos, à porta dos queimores e ardências do alto Moxotó, a região central que levará o caminheiro, já sedento e faminto, às fronteiras do alto Pajeú e do baixo S. Francisco, o seco e atormentado sertão pernambucano.

Terra de transição que prepara o homem agressivo para o sofrimento. Que não pede e nem dá quartel ao desbravador. Que foi civilizada pelo sangue de quatro gerações de pioneiros. Zona tampão entre o litoral

enflorestado e úmido e o sertão despojado de tudo, o agreste eleva-se-lhes sobranceiro no planalto que, galgando abruptamente o centro pernambucano, só vai declinar, ainda violento, nas vertentes que levam ao Cariri, no norte; às planícies piauienses, a oeste e aos férteis campos alagoanos e baianos, ao sul. Porque a Borborema, se é o agreste propriamente dito, prolonga-se pelo sertão em córcovas de serranias e inselbergs solitários, que marcam os horizontes quais sentinelas no deserto, esparsos vigias duma terra sofrida, assinalando o solo, convulso, rude, desaproveitado e trágico.

O CAMINHO

O agreste teve a sua estrada de penetração. A sua vereda civilizatória. O caminho por onde o progresso, hoje discutível, penetrou-lhe os invios carrascals e avoadores esgalhados, os velames e juremais bravios; a azinhaga das onças fugidias e dos veados campineiros, devassando-lhe as cumiadas de mato ralo e ramaria escassa, onde, à aproximação do Inverno, enormes flocos de névoa fria toucam e encapuzam fantasmagoricamente os pedrouços vacilantes. E nessa trilha, muito batida, chamaram-na os antigos “o caminho do Ipojuca” (III), margeando o tranquilo e quase sempre seco curso d’água que, nascendo no sertão, corre no agreste e desemboca na mata (IV), numa curiosidade humana e geográfica singular. O vale do rio pobre, sem corredeiras, de curso extremamente irregular, que desce da velha Cimbres ao litoral mais de quinhentos metros em quatrocentos quilômetros de traçado, serviu de rota batida aos vaqueanos, mateiros, caçadores e aventureiros que se arriscavam, na luta contra os indígenas a penetrar o mundo inviolado do horizonte do oeste.

Já no período inicial da conquista, quando Duarte Coelho e Jerônimo de Albuquerque tangiam a bugrada assanhada ao som de escopetas e bacamartes aperrados, algumas tribos buscaram refúgio mais para o interior, onde os brancos encourados lhes não talassem os campos cultivados, as taperas e ocaras dispersas e o viver selvagem despreocupado e livre. Erraram, a princípio, pelas imediações boscosas da zona dos engenhos, até que, talvez em fins do século XVI ou princípios do século seguinte, começaram a procurar melhor poisa, além e acima, naquelas serras íngremes, que lhes barlavam os avanços venatórios e fechavam o passo às misteriosas regiões distantes do mar. Muitas, como os Carapotós e Carnijós (V), subiram-nas e permaneceram, por largos anos, no começo do planalto, à margem do rio, que chamavam de Ipojuca. Do litoral para o agreste ganharam os vales e colinas que, qual um corredor, levavam, do cinturão de engenhos da Colônia, aos primeiros contrafortes da serra das Russas. Galgaram-nos e subiram-na frontalmente e vieram, por cima, descendo a encosta do outro lado da Borborema até o curso d’água, que brilhava por entre extensíssimas culturas de gravatás agressivos, sem abrir, entretanto, a pista para os soldados que lhes pudessem vir à cola, para preá-los e gozarem-lhes as mulheres sensualíssimas, escravizando-lhes os homens vândicos. Amedrontados pelo que já lhes sucedera antes, apelavam para um tupá insensível e refugiavam-se nas frialdades cortantes da serra inviolada até então (VI).

Estabeleceram-se nas vizinhanças dos poços que o verão permitia, fazendo vida errante e morrendo muito, pela diversidade climática. Antes que, tangidos já agora pelas boladas que lhes disputavam os campos e encostas agrestinas, procurassem mais ainda o interior e fossem dar no alto Ipanema e no Ororubá (VII) em clima mais propício à sobrevivência coletiva. No agreste, porém, diferentes em tudo da úmida mata litorânea de

onde provinham, farta em sombras e águas e animais e aves e peixes comestíveis, defrontavam-se com a semi-aridez africana de uma região triste, própria para a criação mas inóspita, ingrata e desatrativa para viver selvagem.

Entretanto, alguns membros dessas famílias da nação tupi, que se desagregava e sumia destruída pelo colono, permaneceram nas serras agrestenses, marcando essa passagem por traços ainda hoje visíveis na nomenclatura e na tradição populares. Entrou o Una e o Ipojuca e entre este e o Capibaribe, com o alto “divortium aquarum” das Russas elevando-se altaneiro, muitas famílias de silvícolas procuraram criar raízes, que o avanço do branco tangia impiedosamente para o alto sertão, onde a nação tupi, que já fora expulsa do litoral pelos tupis, estiolava-se na solidão e na mais absoluta miséria.

A fatalidade do choque de duas culturas afirmava-se aí, quando a branca, mais forte e poderosa e servida do engenho armado, subprimia e levava à extinção a morena, mais fraca, desarmada e ingênua. O colono, na teoria aceita de que viera para civilizar e trazer às nações pagãs a cruz do Cristo, arrasava, talava, matava, consumia, queimava e reduzia a cinzas o passado de um povo antigo, preparando caminho para as gerações futuras que o glorificariam como um herói. E esse herói de espingarda numa mão e facão na outra, descia do seu pedestal para cevar-se, nos ranchos, no corpo quente das índias a quem matara o pai, o marido e o filho, gerando nelas a torturada raça brasileira que vive esquecida, no trágico fadário de seus ancestrais, nos mortos e favelas das imensas megalópolis modernas do sul.

E a penúltima fronteira para esses fugitivos era o agreste assentado no planalto, que julgavam intransponível. Não o era. E não o sendo, arrotam hoje, na pobreza degradante de reduções sertanejas, o castigo tremendo da última fronteira, desta derradeira fatia de terra — da sua terra! — que lhe deixaram para morrer tendo um buraco onde sepultar-se.

(I) — Grandes em termos regionais, pois o Una, o Ipojuca e o Capibaribe carecem da importância de um S. Francisco ou de um Paraíba do Sul.

(II) — Cf. VASCONCELOS SOBRINHO in “As Regiões Naturais de Pernambuco”, págs. 101 e 140.

(III) — Vd. José Antonio Gonçalves de Mello, “Três Roteiros de Penetração do Território Pernambucano”, pág. 15.

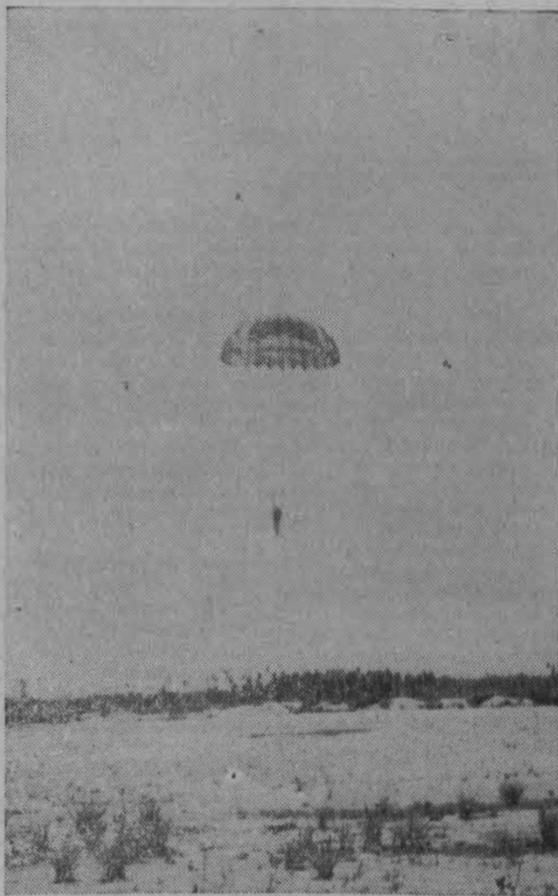
(IV) — VASCONCELOS SOBRINHO ob. cit. pág. 140.

(V) — SANELVA DE VASCONCELOS, in “Os Cardosos das Águas Belas”, pág. 19.

(VI) — Diz o mestre Manuel Correia de Andrade: “A luta contra os índios cariris revoltados ante a pressão cada vez maior dos pecuaristas que lhes tomavam a terra e os escravizavam, fazendo por qualquer pretexto o que chamavam de “guerra justa”, não só possibilitou o desbravamento do agreste e de parte do sertão, como aniquilou o poderio indígena, fazendo com que os remanescentes das poderosas tribos se recolhessem às serras, aos brejos altos menos acessíveis aos brancos e menos cobijadas pelos criadores de gado” (cf. “A Terra e o Homem no Nordeste”, pág. 137).

(VII) — Vd. PEREIRA DA COSTA in “Anais Pernambucanos”, V vol. págs. 158/172.

Uma menina de 15 anos faz espetáculo de paraquedismo



Apesar de seus ainda incompletos 15 anos, ela exerce uma prática capaz de provocar calafrios nas pessoas mais destemidas do sexo oposto. Com efeito, qualquer homem cujas preocupações não incluam o ato de saltar de pára-quadras, pensaria duas ou mais vezes antes de fazê-lo pela primeira vez. Mas ela não tem medo.

Tereza Valentina de Lima Wanderley, nascida em 21 de março de 1962, pertence ao Clube de Paraquedismo de Pernambuco, situado no bairro do Pina, e não se considera diferente das demais moças. Por exemplo: quer casar, ganhar dinheiro e obter um diploma universitário. Mas, a seguir, a própria Tereza Valentina fala sobre ela.

A entrevista

P — Qual foi o motivo mais forte que lhe serviu de base à opção pelo paraquedismo?

R — Foi mesmo minha paixão pelo ofício. Tudo começou quando eu tinha 12 anos. Eu sempre achei o paraquedismo um esporte muito bonito, mas nunca tinha pensado tão seriamente até àquela data. Senti curiosidade em saber como seria lá em cima, fui ao aeroclube mas, infelizmente, as barreiras foram muito grandes para mim e não consegui fazer o curso. Só agora, em 1976, é que tais barreiras caíram.

P — Como é que você se sente descendo das alturas?

R — Bem, quando estou na porta do avião esperando o sinal para sair, ou seja, saltar, sinto-me minúscula diante daquele panorama lá embaixo, aquele vento forte... Marcelo (Marcelo é o meu instrutor) acena, eu saio, e é como se fosse um mergulho no espaço infinito. Sinto a velocidade e fico absorvida por todas aquelas coisas e sensações estranhas. É diferente de qualquer coisa que você ousar fazer. O pára-quadras abre, é um grande impacto, então tudo acaba, fica só o silêncio. É como se a pessoa estivesse sozinha no mundo. Eu, por exemplo, fico tranqüila e cheia de paz. Começo a navegar meu pára-quadras de modo que ele caia dentro ou pelo menos por perto do alvo. Desço bem leve, devagar, só quando estou perto de aterrar é que a velocidade aumenta. Não sinto que estou caindo, e sim, que o chão está chegando. Na aterragem, a velocidade em média é de 6 metros por segundo. Se a aterragem é suave ou não, depende apenas de o vento ser fraco ou violento e

também do pára-quadras que a pessoa está usando.

P — Que pretende fazer de sua vida? Descer sempre de pára-quadras, por acaso?

R — O paraquedismo nunca influenciou desfavoravelmente na minha vida. Mas, afóra isso, vou fazer o que qualquer mulher normal costuma fazer: estudar, ganhar dinheiro e me casar. Mas sempre reservando um tempo para saltar.

P — Diga-me o seguinte: eticamente, cientificamente, ou coisa que o valha, o que significa um pára-quadras?

R — Eu só posso dizer que um pára-quadras é uma máquina. E, à maneira de uma máquina, a gente o programa e ele faz o que a gente quer. Quando alguém morre porque o pára-quadras não abriu, pode ficar certo de que o pára-quadras não estava bem dobrado. Todo paraquedista dobra seu pára-quadras (com excessão dos militares) de modo que ele abra sem a menor dificuldade; quando não abre, fique certo de que foi dobrado de maneira errada. Mas, no caso de o pára-quadras não abrir, há o pára-quadras de emergência. Trata-se de um pára-quadras bem menor que o principal mas capaz, de suportar mais de 130 quilos — imagine o principal! Este é usado nas costas (pára-quadras dorsal). Há o tipo gancho (semi-automático) que abre através de um dispositivo chamado fita de abertura. E há o pára-quadras para salto livre, dentro do qual o paraquedista comanda à sua vontade. O tempo máximo para comando é de 60 segundos, numa altura máxima de 4.000 metros, embora alguns ultrapassem esse limite de tempo-altura usando máscaras de oxigênio.

Lenira e Ilma: a arte dos funcionários da SEC

Há entre algumas pessoas uma noção segundo a qual a pesquisa folclórica não leva a nada. Alegam que semelhante interesse conduz, no mínimo, à alienação política. Que, culturalmente, a manifestação folclórica resulta num universo mesquinho e vazio. Essas pessoas esquecem facilmente que muito material de fundo folclórico foi aproveitado em numerosas e exemplares obras de arte. Quantos e quantos motivos do folclore alemão, por exemplo, não foram incorporados por Bach à sua música? Por acaso a extraordinária obra de João Guimarães Rosa não se vale, a todo momento, de elementos de inspiração folclórica?

Força do Folclore

Lenira Andrade Pinto Ribeiro acha que a valorização e divulgação dos bens culturais oriundos do folclore são fatores preponderantes para uma melhor compreensão de um povo. Portanto, a cultura popular deve ser transformada em objeto de atenções e cuidados.

A ciranda de Lenira — que ela intitulou de *Ciranda ao Luar* — é dançada nas praias de Olinda, principalmente no Janga e em Maria Farinha. Também autora de músicas para as festividades do São João, ela gosta de confeccionar os versos de sua concorrida ciranda. Alguns desses versos dizem: "O São João chegou/ Vamos aproveitar/ Vamos dançar ciranda/ A luz do luar./ Dê-me a mão/ Acerte o passo/ É gostoso cirandar/ Vá olhando nos meus olhos/ E nesse embalo/ Deixe o sonho caminhar".

Simple, românticos, os versos de Lenira Andrade estabelecem imediata e contagiante comunicação. Ela trabalha no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de Pernambuco, integrando uma equipe técnica encarregada de movimentar os diversos setores artísticos e culturais daquele órgão. Diz, porém, que o movimento artístico em Pernambuco é muito fechado, lembrando, por outro lado, que raríssimos conseguiram nomeada no resto do país.

Atualmente, Lenira Andrade está concluindo o curso de Secretariado Superior — prestes a ser reconhecido —, da Escola Superior de Relações Públicas. Durante dez anos, ensinou em escolas do curso secundário. Garante, porém, que jamais repetirá a experiência. Mesmo assim, o último ano de seu magistério lhe proporcionou uma alegria: ela fez uma viagem pelo Brasil recolhendo músicas folclóricas praticamente desconhecidas do público. As músicas foram aproveitadas numa apresentação de caráter folclórico, durante festa de fim de ano, para centenas de alunos.

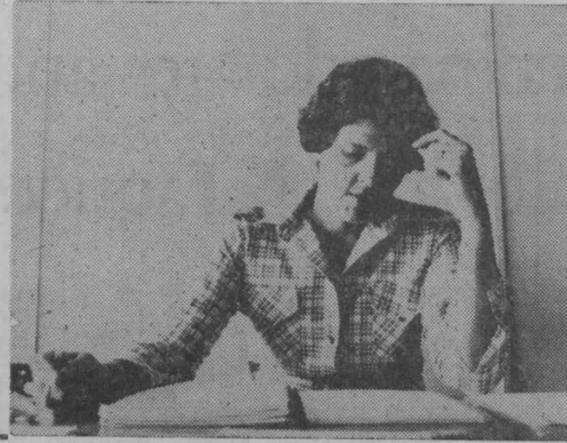


Lenira Andrade Pinto Ribeiro: exemplo de que o verdadeiro espírito não envelhece

A Importância de uma Metodologia Científica Aplicada ao Ensino de Línguas.

HELOÍZA MARIA FIUZA BOXWELL

(Mestrado em Letras)



Justifica-se plenamente a ênfase que se vem dando, nos dias de hoje, à metodologia científica como condição indispensável à execução de qualquer trabalho, seja ela uma pesquisa de alto valor científico ou até mesmo uma simples tarefa caseira.

Estamos vivendo uma época em que tudo precisa ser feito do modo o mais racional possível visando, de um lado, à eficiência e à precisão, e do outro, a melhor utilização do tempo e do capital. Para tanto, é preciso que se pesquise, que se observe e que se busque na ciência as bases sólidas sobre as quais se possa traçar o melhor plano de trabalho.

"Ninguém mais pode se dar ao luxo de fazer tentativa ao acaso para ver se colhe algum êxito inesperado"^{3:33}.

O válido hoje é o que é executável dentro de um mínimo de tempo e um máximo de rendimento. Isto só se conseguirá através da cuidadosa análise da tarefa que nos propomos a realizar para que, de posse de dados concretos, se possa escolher o melhor meio de atingir os objetivos.

Esse melhor meio, esse caminho mais eficaz, sistemático e econômico de se chegar a um fim proposto é o que chamamos de método.

"No sentido mais geral, o mé-

todo é a ordem que se há de impor aos diversos passos necessários para atingir um fim dado"^{5:142}.

A finalidade do método é sistematizar os impulsos da inteligência, eliminar das investigações o capricho e o acaso, adaptar o esforço a empregar às exigências do objeto, determinar os meios de investigação e a ordem da pesquisa. É, portanto, fator de segurança e economia.

"Muitas vezes, um espírito mediocre guiado por um bom método faz mais progressos nas ciências que outro mais brilhante que vai ao acaso"^{3:31}.

Todos os métodos científicos,

embora um pouco diferentes entre si, põem em prática processos comuns, que constituem o método geral da ciência. São eles: de um lado, a demonstração; de outro, a análise e a síntese. Na realidade, análise e síntese não são senão instrumentos da demonstração.

Régis Jollivet^{5:143-144} diz que podemos distinguir diferentes espécies de métodos. Os principais são:

1. método de invenção e método de ensino
2. método de autoridade e método científico
3. método experimental e método racional

4. método de construção e sistematização.

Neste trabalho nos propomos a comentar a necessidade de uma fundamentação científica à metodologia, escolhendo como exemplo sua aplicação ao ensino de línguas estrangeiras.

O que dissemos até o momento visou apenas a situar o método de ensino dentro do esquema geral do método.

Devemos esclarecer que não é nossa intenção aqui defender nenhum método em particular e sim defender a tese da formação científica do professor para que, de posse de dados concretos, possa fazer opções conscientes em matéria de metodologia.

1. O MÉTODO NO ENSINO DE LÍNGUAS

1.1 O MÉTODO EM CONTRAPOSIÇÃO AO APPROACH E A TÉCNICA

Devido à grande confusão que normalmente se faz em torno dessa terminologia, convém comentá-la.

O approach, cujo equivalente em português poderia ser abordagem, aproximação ou acesso, está no nível dos axiomas, da filosofia e da psicologia, que dão os fundamentos científicos adequados a uma perfeita abordagem metodológica, mas que em si não constituem um método. As técnicas de sala de aula também não apresentam um método, mesmo quando sistemáticas e eficientes.

O método não é o conjunto de suposição sobre aquisição da linguagem que caracteriza um determinado approach no ensino de línguas. Não é também uma lista de exercícios, diagramas e explicações que caracterizam o estilo de um professor. "O método situa-se entre a complexidade dos princípios gramaticais e psicológicos e o desempenho de um professor na sala de aula"^{1:39}.

As técnicas de sala de aula quando apresentam características estruturalmente unificadas, visando a formar um procedimento coerente, são meros componentes de um método. Embora saiba-se que um determinado método possa ter-se originado, historicamente, de um certo conjunto de técnicas, só podemos dizer que existe um método, quando aquelas técnicas pragmaticamente aceitas forem fundamentadas em princípios teóricos.

"O método é um plano global na apresentação hierárquica dos assuntos sem que nenhuma de suas partes entre em contradição e que esteja, todo ele, baseado no approach selecionado"^{1:40}.

O approach é portanto axiomático, o método é funcional e as técnicas são os meios de que o método se serve para alcançar um determinado objetivo.

Na concepção de Cervo & Bervian, a técnica corresponde ao processo, que por sua vez é a aplicação específica do plano metodológico e a forma especial de o executar^{3:85}. A técnica está subordinada ao método e lhe é auxiliar indispensável.

A seguir passamos a comentar alguns tipos de método mais difundidos no ensino de línguas estrangeiras.

Por coerência com a terminologia vigente mantemos o termo método.

1.2 HISTÓRICO

Para não voltarmos muito atrás no tempo, vamos comentar apenas as principais mudanças ocorridas neste século. A História mostra que o ensino de línguas passou por mudanças radicais a cada 20 ou 25 anos.

No princípio do século o sucesso foi o aparecimento do Método Direto como uma resposta tardia ao trabalho de François Gouin (1880), intitulado *L'Art d'Enseigner et d'Étudier des Langues*.

Mantendo o princípio de que não se podia fazer uso da língua nativa do aluno, o texto tinha início na língua falada e somente depois de algum tempo eram introduzidas a leitura e a escrita. A ênfase na língua falada e a necessidade de treinar o ouvido para melhor apreendê-la conduziu, entre outras coisas, a um esforço para padronizar a pronúncia. "Se o aluno não conseguisse outra coisa senão cometer erros, pelo menos familiarizar-se-ia com a língua e eventualmente identificaria e corrigiria os seus próprios erros"^{6:145}.

Assim, o ensino de línguas deixava para trás a rígida aplicação dos princípios da lógica para basear-se nos princípios da psicologia.

Em 1925 surge nos Estados Unidos uma investigação sobre o ensino de línguas conhecida como *Modern Foreign Language Study* (o estudo das línguas estrangeiras modernas). Baseada no princípio de que 83% dos americanos só estudavam uma língua estrangeira durante dois anos, não seria possível, por este motivo, conseguir sequer um mínimo de proficiência nas habilidades de entender, falar, ler e escrever essa língua.

Dentre as obras publicadas na época, salienta-se o *Coleman Report*, cujos preceitos dominaram o cenário do ensino de línguas durante mais de um quarto de século em defesa do *Reading Method*.

O período 1945-1950 marcou a época dos cursos organizados pelo Exército Norte-Americano com a ajuda de muitas universidades. Na ocasião, procurou-se ouvir a opinião de especialistas principalmente lingüistas e antropólogos famosos como Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield. A concentração maior do ensino era em torno da língua falada, procurando-se imitar o falante nativo tanto quanto possível e relegando-se a leitura e a escrita a um plano secundário. "O que era preciso era muito contato com a língua falada. Para conseguir este máximo de contato com a língua falada devia haver um mínimo de leitura e, da gramática, incluir apenas os itens essenciais"^{9:150}.

Este método, conhecido como *Army Method*, nasceu da necessidade imperiosa de desenvolver nos soldados as habilidades de entender e falar uma língua estrangeira com um tempo mínimo de treinamento.

Este fato coincidiu também com a intensificação dos estudos de lingüística estrutural e de psicologia da aprendizagem que passaram a guiar os passos do ensino de línguas.

Surge nessa ocasião o Método Audio-Lingual também conhecido como *Aural-Oral Approach* ou ainda Método Lingüístico, inteiramente apoiado naquelas ciências.

Assim, o princípio de que as línguas são compostas de padrões que o aprendiz adquire como hábitos, através de constantes repetições, é um exemplo claro da influência behaviorista. Já a noção da supremacia da fala sobre a escrita, a concepção de língua como sistema e a importância dos estudos de análise contrastiva, são influências diretas dos estudos de lingüística descritiva.

"Para muitos lingüistas, parecia que a língua era sinônimo de fala, que esta devia preceder a escrita, que os estudos contrastivos dos sistemas de gramática e fonologia podiam ser descritos com bastante precisão e que o conhecimento da língua como um sistema de transmissão de significados era, de certa forma, mais importante que os próprios significados"^{10:11}.

A publicação de *Syntactic Structures* de Noam Chomsky em 1957 causou uma verdadeira revolução sobretudo nos meios lingüísticos, provocando uma total reformulação de conceitos com conseqüente repercussão no ensino de línguas.

Chomsky fez com que a lingüística passasse do minucioso estudo da estrutura superficial da língua para a exploração de sua estrutura profunda. O efeito disto foi chamar atenção não para o comportamento dos falantes da língua, mas para os processos mentais que estão implícitos na sua capacidade de falar e entender a língua.

Um aspecto surpreendente dessa teoria, que recebeu o nome de teoria gerativo-transformacional, está na afirmativa de que as crianças já nascem equipadas com um conhecimento inato da linguagem. O que os lingüistas estão chamando de "gramática universal" é, em outras palavras, uma maneira de descrever esta complexa capacidade, típica de todo ser humano.

Com o desenvolvimento da teoria gerativo-transformacional, outros conceitos vieram à tona, principalmente os que se referem à competência lingüística em oposição ao desempenho. Isto conduz ao interesse pela estrutura profunda, subjacente à estrutura superficial, e a toda a idéia dos universais lingüísticos.

Ora, estes conceitos entram totalmente em choque com os princípios estabelecidos pelo Método Audio-Lingual que, como era de se esperar, recebeu severas críticas e foi por muitos posto de lado como sendo obsoleto. Era preciso criar para o ensino de línguas uma nova teoria que fosse coerente com as idéias de Chomsky e seus seguidores.

O novo método fundamentado nessa teoria recebeu o nome de *Cognitive-Code Approach* e pode ser considerado uma moderna versão do *Grammar-Translation Method*.

De acordo com a teoria cognitiva, aprender uma língua é um processo de aquisição de controle consciente dos padrões fonológicos, gramaticais e lexicais de uma segunda língua, basicamente através do estudo e análise desses padrões, como fonte central de conhecimento.

Em matéria de ensino de línguas estrangeiras, parece ser esta a nova tendência, muito embora ainda haja muitos defensores para o Método Audio-Lingual.

1.3 POR QUE TANTOS MÉTODOS?

Os métodos de ensino vêm e voltam, entram em moda e saem de moda. Por que tanta variedade? Por que mudar do ensino baseado na gramática para uma abordagem auditivo-oral e depois voltar novamente a apoiar-se na gramática?

Como já podemos perceber, a resposta a estas perguntas está na reformulação dos conceitos científicos que, por sua vez, provocam uma reformulação correspondente nas noções sobre a aquisição, ensino e aprendizagem de uma língua.

Se mudam os conceitos sobre a natureza da linguagem, a nossa crença em determinados métodos é naturalmente posta em julgamento. Se consideramos a língua como um conjunto fechado de padrões contrastantes de fonologia e de sintaxe, temos que aceitar um método que visa a enfatizar o domínio auditivo-oral de um número finito de padrões de sentenças. Mas, se concordamos com o ponto de vista de que a língua é constituída de um pequeno conjunto de regras capazes de gerar um número infinito de sentenças, através de regras de expansão e de transformação, é evidente que temos que ser coerentes com métodos que se adaptem a esta teoria lingüística. Do mesmo modo, quando aceitamos a língua como um conjunto de hábitos, aceitamos também as técnicas de "mim-mem" (mímica e memorização) e estímulo-resposta. O mesmo não aconteceria com os seguidores da teoria gerativo-transformacional, uma vez que elas não estão absolutamente de acordo com o princípio dos universais lingüísticos.

Os métodos são, portanto, modelados por teorias diferentes e a popularidade de um método vai depender exatamente da aceitabilidade dessas teorias.

Conclusão

Diante de tantas teorias e de tantas mudanças, como deve proceder um professor de línguas que deseje basear o ensino em uma metodologia científica?

Em primeiro lugar, não vemos nas mudanças nenhum demérito e sim uma prova de evolução; um interesse patente em melhorar. Seria incompreensível que o estudo da linguagem se mantivesse à margem do progresso da ciência. Sendo ela a própria síntese da comunicação, responsável pela integração científica universal, nada mais lógico que se lhe dê a atenção que merece.

A ânsia de mudar, de progredir e de crescer é uma característica própria do ser humano, por natureza contrário a qualquer tipo de estagnação. Não queremos dizer com isto, que se deva mudar a cada nova teoria que surja. O importante é fazer escolhas acertadas, sempre com base na ciência.

Onde buscar a orientação para fazer estas escolhas? Seria uma atitude muito parcial, portanto científica, pensar que só a lingüística deve fundamentar o ensino de línguas. Como ela tem a linguagem como objeto e como linguagem é também o objeto do nosso ensino, há uma tendência para se associar ensino de línguas com lingüística.

É preciso deixar claro que os seus objetivos são bem diferentes e que uma supervalorização dos princípios lingüísticos pode ser prejudicial ao ensino.

Em linhas muito gerais, o que a lingüística faz é nos dar intravisiões, isto é, noções que ajudarão a compreender melhor a natureza da linguagem e, conseqüentemente, a natureza da aprendizagem de uma língua. Outra grande contribuição sua, esta talvez a de maior importância, é fornecer dados que possam servir de base à seleção e gradação de itens fonológicos, gramaticais e lexicais.

A lingüística é, pois, uma das ciências auxiliares ao ensino de línguas. Além dela devemos lançar mão dos dados fornecidos pela Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia da Educação e tantas outras ligadas ao ensino.

É exatamente essa visão global fornecida por um conglomerado de ciências auxiliares que capacitará o professor de línguas a conscientizar-se de seus objetivos e a ter o conhecimento necessário para escolher com tranquilidade o melhor "approach", o melhor método e as melhores técnicas para os fins a que se propõe.

Somente um ensino cientificamente orientado, pode dar ao professor a segurança que necessita para reagir positiva ou negativamente aos chamados das novas teorias e, dessa forma, realizar um trabalho verdadeiramente sério e produtivo.

ABC Do Cantador

Homenagem ao poeta popular nordestino na pessoa de Inácio da Catingueira.

I — A PAISAGEM

1 Vento de madapolão
céu azul de brim coringa
paisagem que o boi ruminava
sentado na escavação
do galo porque na rinha
um galo perde a bainha
e as nódoas pelo esporão
e um boi só perde a cabeça
liberdade e absolvição.

Mandacarú de três pontas
(cadarços de imprópria mão)
rio riscado de algodão
ou faca de pano estocada
no lençol da procissão
ou na tampa de outro galo
cor marrom na profissão
mas sepulto em verde e claro
cantando a reencarnação
mercário-cromo do galo
na Aurora do meu pulmão.

(Das balonetas caladas
ou dessas facas fugindo
carcaças de bois mugindo
nos ócos da solidão).

2 O sol derrama o tinteiro
mas fabrica um arco-íris
o luar da noite crua
ordenha o branco do pires
o paiol da mulher nua
incendeia o traveseiro
com tanto fogo e poema
que não sobra ao candeeiro
e nem ao Gogó da Ema
que me serviu de poenteiro
quando vim para o Recife
morrer ou ser violeiro.

Água afiada em moringa
matulão e estricnina
mangalarga ou extrema-unção:
— O tempo é matéria-prima
a outra é a enxada na mão
cuja raiz seca e agrária
cava a vida secundária
que a morte empenha no chão.

II — A REZA

3 Atiro balas de sede
contra a goela da caatinga
pingo léguas na seringa
hipodérmica do verde
deito preguiça na rede
carimbo ruas na sola
fatia de cão na mola
tomo injeção de parede.
Ladra o cano da pistola
estopim do nosso avesso
mortalha do meu reboco
mais Santo Antonio Barroco
babando hóstias de gesso.
Futuro aberto no poro
gatilho no roxo preso
jejum de pássaro e fósforo
à nossa fome de esmola
comungando um Deus aceso.

4 Onda de vaca ruindo
na porteira da premissa
arcanjo de carne seca
comendo o sinal da missa
cantador pulando a cerca
e a gengiva da noviça
alma de gado subindo
pela oração de carniça:
— Creio em mim, creio em Deus, creio
no Padre,
creio na Santa Trindade,
também no poeta que sou;
creio na Fé, na Flor e no Alvalade,
da Paz com que os anjos rijam
meu nome na Eternidade.

III — A CANTORIA

5 Com minha fala estampada
e os dotes do meu cabrito
o abdômen do meu pão
violes prenhas de grito
vou cantar em verso e em prosa
este meu louvar de amigo
dobradiças do Evangelho

Paulo Bandeira da Cruz e o ABC do Cantador



PAULO (Galhardo) BANDEIRA DA CRUZ nasceu a 5 de agosto de 1940, na Rua 13 de Maio, na cidade de Olinda em Pernambuco. Fez o curso primário em sua cidade natal, no Instituto Domingos Sávio, e o secundário com os jesuítas no Colégio Nóbrega. cursou o clássico no Colégio Padre Felix, tendo ingressado na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco em 1960. Bacharel em Direito em 1964, advogou no Foro do Recife e no de Olinda até 1967. Em março desse ano, transferiu-se para Salvador, tendo vivido na Bahia até maio de 1974. Voltando ao Recife, continuou desenvolvendo suas atividades profissionais iniciadas na Bahia como Consultor Tributário de importante firma de Auditores Independentes, não se dedicando no momento à advocacia militante. Em 1966 frequentou o 1º ano do Curso de Doutorado da Faculdade de Direito da UFP, tendo apresentado para satisfazer as condições exigidas para inscrição e matrícula no referido curso, a monografia intitulada "Lesão Corporal — Considerações em Torno da Tentativa", posteriormente editada pela Imprensa Universitária do Recife (1967), hoje com a tiragem esgotada. Ainda estudante, publicou "Ato de Desesperança" (1960), um poema fora do comércio ilustrado pelo seu amigo e poeta Edmir Domingues e "Sonetos" (1964), tendo dois livros em preparo: "Feira Livre" e "Missa do Vaqueiro e Outros Poemas Menores". Em homenagem ao poeta popular nordestino, escreveu o "ABC do Cantador", que

pretende publicar sob a forma de folheto de cordel. Em 1975 concorreu ao Prêmio Othon Bezerra de Mello da Academia Pernambucana de Letras, ganhando o prêmio de poesia com o livro "Itinerário do Boi Além do Campo" (empatado com Jorge Wanderley e Angela Delouche). Colaborador do Jornal do Comércio e do Diário de Pernambuco de Recife desde 1960 e 1961, respectivamente, já teve trabalhos publicados (poemas) na revista Tempo Brasileiro (1966/1967) e no Jornal Bolamense (1961) da Guiné Portuguesa. Dedicou-se à pintura como pintor de domingo, tendo participado em 1962 de uma exposição no Museu do Estado (21º Salão de Pintura). Casado, pai de uma filha "primogênita e caçula", construiu para a família um pequeno retiro poético que denominou de Madragoa (homenagem ao Largo existente na Bahia, perto da Igreja do Bomfim), na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco. É atualmente nesse retiro que estuda, escreve, lê, pinta e cuida de plantas. Pretende envelhecer naquela Ilha, ao lado da mulher e da filha e, se possível, dos netos. Até que um dia, finalmente, fique "completamente abstrato/livre do Boi/sem sapato".

A expressão poética de Paulo Bandeira da Cruz possui a originalidade de intrinsecar numa linha de cordel aspectos da lírica moderna herdados de escolas mais recentes como Simbolismo e o Surrealismo europeu.

fratura exposta do Velho Testamento no ablativo.

6 Vou cantar a chave falsa
que abre a caneta madura
e o couro da nossa valsa
que me enrola em fechadura;
o masculino do grito
o mote que não tem glosa
e todo o carvão da rosa
que esculpi dentro da roupa
a palavra que me esfola
batendo o prego na sopa
os punhais do manuscrito
e toda a senha da escola
que Deus botou na sacola
de Nosso Senhor Jesus Cristo.

7 E canto um, e canto dois, e canto três,
cantador vivo não cala
violeiro morto, é de vez.
E canto um e canto dois, e canto três,
Inácio da Catingueira
cantava azul todo mês.
Começo agora a louvar
Aderaldo Ferreira de Araújo,

Otacílio Batista, Zé Limeira,
Agostinho Lopes dos Santos;
Bernardo — que foi Cintura —,
Zé Catôta e Pedra Azul,
Lourival Batista, Jó Patriota,
E Audálio Alves Pereira
(poeta do Olhar da Sede
que sempre olhou de Pesqueira):
Francisco Caluete — o Romano,
da Mãe d'Água —, e Serrador,
Dimas Batista, Roseira,
e em São José do Egito,
Antonio Marinho louvo
mil vezes se for preciso
com minha boca e a do povo.
Laureano da Silva Pinto,
louvo Francisco Pequeno,
Zé Pretinho, Rogaciano,
Galdino da Silva Duda,
louvo Cancão e o bom
Elias da Paz Romano.
Louvo aqui Preto Limão,
Joaquim Francisco Santana,
Manoel Pedro Clemente
e José Gomes Sobrinho.
Também louvo Chico Bento,
Quesado, Filó, Ventania,
Antonio Batista Guedes

e Gavião contra o vento.
Lourenço da Silva Pinto,
louvo ao lado de Heleno,
que também foi Severino
como o Pinto do Monteiro;
Nicandro Nunes da Costa
e Antonio Pereira louvo;
Elísio Felix Canhoto
louvo aqui Chico Galvão.
E no fim da louvação,
João Batista de Siqueira,
Zé de Almeida e José Monte,
Cotinha e João da Silveira.
Também louvo Aleluia,
Vitorino e Fenelon;
louvo Aristaldo e Chudu,
Biu Gomes, Santino, Osmário,
Manuel Basílio louvo.
Antonio Dias eu louvo
juntamente com Feitosa,
Sanhassu, Regino e Caitano.
Louvo Francisca Barrosa
que nasceu na Paraíba
cantando versos de amor.
Louvo o Pai, louvo o Filho e

louvo o poeta econômico
guardando a rima no Banco
louvo aqui Joãozinho Galhardo
meu primeiro trovador
abrindo as portas de Olinda
com suas chaves de avô.
Louvo viola e violeiro,
tudo quanto é trovador,
também Jesus Nazareno,
o maior vate terreno
que já nasceu cantador.

8 Caso tenha omitido
qualquer nome ou apelido
não era esse o destino
tirar do homem outro homem.
Louvo assim do vivo a glória
do morto louvo a história
do próprio herói nordestino.
Ao cantor esquecido
dou o fio do telefone
o macro peito da terra
carroça do meu pronome
dou sete palmas de trova
dois peitos de moça nova
luar que bicho não come.

IV — O ENCONTRO

9 O mistério da viagem
está contido na véspera.
A magia do retorno
não se tem no abraço dela
mas encantada no tempo
do tempo de quem me espera
pois o início da partida
principia a conclusão
e o fim do começo abrevia
a chegada pretendida
indo ou vindo de antemão.
No local do desencontro
um portão se estabelece:
— Chegando, a vinda aparece
não vindo, a volta apodrece
porque se um morre partindo
ficando ouvindo, enlouquece.

10 Ando o mundo e a cor da sala
e com a ponta da bengala
findo encontrando a mim mesmo:
— Me acho, mas não me vejo.
me agarro, mas não me enxergo,
pois de nascença sou cego
vejo é só com o olhar do alhelô.
Trovador desde criança
e por toda a Renascença
canto igual à semelhança
sem tirar a diferença
de quem cantando a metade
reparte o cavalo em dois
galopando a esperança
que dividiu pelo meio.

11 Terceira mão de viola
crescendo ao norte do pulso
pé virando castanhola
no cal do sapato avulso;
pele bordada na areia
do corpo que o rio semeia
com águas de um peixe surdo
verso enganchado na cela
barro amassado na veia
do meu couro cabeludo.

12 Fiz louvação num repente
agora vou ficar mudo
porém deixo aqui presente
a eterna e dura semente
da voz que me fez parente
e herdeiro do acento agudo.
Pois há tempo para tudo
tempo até de não fazer
tempo integral para o surdo
ouvir cantigas de um mundo
que o cego não quer mais ver.
Tempo há tempo de calar.
tempo há tempo de saber.
Há tempo ainda de crer
no tempo de quem tem tempo
pois cantador só não tem
é tempo para morrer.
Recife, 1977

Verbo Original e Traduzido

In my first thirty years of life
I roamed hundreds and thousands of miles.
Walked by rivers through deep green grass
Entered cities of boiling red dust.
Tried drugs, but couldn't make Immortal;
Read books and wrote poems on history.
Today I'm back at Cold Mountain:
I'll sleep by the creek and purify my ears.

I spur my horse through the wrecked town,
The wrecked town sinks my spirit.
High, low, old parapet-walls
Big, small, the aging tombs.
I waggle my shadow, all alone;
Not even the crack of a shrinking coffin is heard.
I pity all these ordinary bones,
In the books of the Immortals they are nameless.

Nos meus primeiros trinta anos de vida
Vaguei dezenas e milhares de quilômetros.
Andei com os rios através da profunda relva.
Entre em cidades sufocadas de poeira.
Tomei drogas; não me tornei Imortal;
Devorei livros e escrevi poemas sobre a História.
Hoje estou de volta à Montanha Fria:
Dormirei ao pé do riacho; purificarei meus ouvidos.

Meto esporas no cavalo pela cidade arruinada.
A cidade em ruínas afoga meu espírito.
Altas, baixas, velhas paredes com parapeito,
Grandes, pequenos, os túmulos envelhecidos.
Solitário, sacudo minha sombra;
Não se ouve nem o barulho dum caixão se encolhendo.
Lamento todos estes ossos ordinários,
Nos livros dos Imortais eles são anônimos.

Once at Cold Mountain, troubles cease —
No more tangled, hung-up mind.
I idly scribble poems on the rock cliff.
Taking whatever comes, like a drifting boat.
Some critic tried to put me down —
"Your poems lack the basic truth of Tao"
And I recall the old-timers
Who were poor and didn't care.
I had to laugh at him.
He misses the point entirely,
Men like that
Ought to stick to making money.

I have lived at Cold Mountain
These thirty long years.
Yesterday I called on friends and family:
More than half had gone to the Yellow Springs.
Slowly consumed, like fire down a candle;
Forever flowing, like a passing river.
Now, morning, I face my lone shadow:
Suddenly my eyes are bleared with tears.

Uma vez instalado na Montanha, as dores cessam —
A mente não fica mais embaçada, confusa.
Mansamente escrevo poemas em cima das rochas,
Recebendo tudo que chega como um bote nas ondas.
Um crítico tentou derrubar-me —
"Aos teus poemas falta a verdade básica do Tao".
Eu bem me lembro dos antigos
Que eram pobres e não se incomodavam.
Tudo que fiz foi rir dele,
Confunde as coisas completamente,
Homens como ele
Devem lutar para ganhar dinheiro.

Tenho vivido na Montanha Fria
Estes longos trinta anos.
Ontem convidei os amigos e a família:
Mais da metade havia partido.
Se consumindo devagar como o fogo duma vela;
Eternamente fluindo como um rio.
Agora, de manhã, encaro minha sombra muda:
Subitamente meus olhos ficaram embebidos com lágrimas.

HAN-SHAN

(Montanha Fria)

— Poeta chinês.

Nasceu

aproximadamente

em 700 AD, tendo

atingido a idade de

80 anos. Deixou

cerca de 300

poemas. Seus temas

são Taoistas,

Budistas e Zen.

A maioria de seus

poemas foram

escritos no estilo

"ku-shih" (velha

canção) com uma

"métrica" de 5 ou 7

caracteres por linha.

Seu comportamento

parece fundir a vida

de João Batista e a

palavra de Cristo,

se assim podemos

dizer. Como João,

viveu eremita,

coberto de trapos,

alimentando-se de

plantas e frutos e

sua concepção do

mundo se assemelha

à de Cristo. Seu

acento poético é

marcado por uma

visão apreendida

diretamente da

natureza, da

meditação simples

e desinteressada

sobre as coisas.

Quando falava da

Montanha Fria,

Han-Shan falava de

si mesmo, de seu

sentimento, de seu

estado de espírito.

Oito Poemas de Han-Shan

Tradução de Antônio Leal Campos

If I hide out at Cold Mountain
Living off mountain plants and berries —
All my lifetime, why worry?
One follows his karma through.
Days and months slip by like water,
Time is like sparks knocked off flint.
Go ahead and let the world change —
I'm happy to sit among these cliffs.

I settled at Cold Mountain long ago,
Already it seems like years and years,
Freely drifting, I prowls the woods and streams
And linger watching things themselves.
Men don't get this far into the mountains,
White clouds gather and billow.
Thin grass does for a mattress,
The blue sky makes a good quilt.
Happy with a stone underhead
Let heaven and earth go about their changes.

Se moro na Montanha Fria
Alimentando-me de plantas e amoras —
Toda minha vida. Por que preocupar-me?
Cada um segue seu karma.
Os dias e os meses passam como água,
O tempo é como faisca arrancada da rocha.
Dou um passo a frente e deixo o mundo mudar —
Sou feliz sentado no meio destes rochedos.

Há muito tempo que habito na Montanha Fria,
Anos a fio já passaram por mim.
Livrentemente flutuando, vagueio por rios e matas
E demoro-me abismado fitando as coisas.
Os homens não conseguem chegar às montanhas,
As nuvens se juntam e crescem.
A relva fina me serve de colchão
E do céu azul faço cobertor.
Alegre com uma pedra debaixo da cabeça
Deixo o céu e a terra irem à sua vida.

In a tangle of cliffs I chose a place —
Bird-paths, but no trails for men.
What's beyond the yard?
White clouds clinging to vague rocks,
Now I've lived here — how many years —
Again and again, spring and winter pass.
Go tell families with silverware and cars
"What's the use of all that noise and money?"

Men ask the way to Cold Mountain
Cold Mountain: there's no through trail.
In summer, ice doesn't melt
The rising sun blurs in swirling fog.
How did I make it?
My heart's not the same as yours.
If your heart was like mine
You'd get it and be right here.

Entre um punhado de rochedos escolho um lugar —
Há caminhos para as aves, mas nenhum para os homens.
Que existirá além dos campos?
Branças nuvens engatinhando sobre as rochas.
Tantos anos tenho estado aqui —
Repetidamente, a primavera e o inverno se vão.
Ide e perguntai àqueles com prataria e carros:
"Para que serve o barulho e o dinheiro?"

Os homens perguntaram como chegar à Montanha Fria.
Montanha Fria: não há caminhos para ela.
No verão, o gelo não se derrete,
O sol nascente se macula no rodopiante nevoeiro.
Como cheguei aqui?
Meu coração não é o mesmo que o vosso.
Se vosso coração fosse como o meu
Entenderíeis e estardíeis aqui comigo.

Uma Bênção Chamada Sexo



Numa edição da ABU Editora S.C., de São Paulo, "Uma Bênção chamada Sexo" de Robinson Cavalcanti, constitui-se no trabalho mais original que possuímos sobre o assunto, após o famoso "Vida sexual de solteiros e casados", do Padre João Mohana.

O livro de Robinson Cavalcanti detém até uma originalidade maior, por fundamentar-se, dentro de uma análise teológica rigorosa, em observações sociológicas e históricas da vida da Igreja, mostrando uma compreensão bastante ampla do problema sexual, e adotando uma posição própria e autônoma, de base bíblica, diante dele, ao se colocar numa linha de sexualidade que se opõe tanto à permissividade, como à repressividade. A obra demonstra alto conhecimento eclesial, que abarca desde a Patrística e a Idade Média até a Igreja Reformada.

O professor Robinson Cavalcanti é teólogo de confissão luterana, e ensina política na Universidade Federal de Pernambuco.

Uma Bênção chamada Sexo, dentro de um ângulo bíblico rigoroso ao analisar problemas tão específicos como o que diz respeito à sexualidade humana, encontra-se a essa altura já inteliramente esgotado, merecendo uma segunda edição.

A Poesia da Mão Extrema



Publicado em convênio da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife com a Quiron de São Paulo, A Mão Extrema, de Celina de Holanda, vem assinalar uma das maiores presenças da poesia feminina entre nós.

Poesia contida mas tensa, enraizada no cotidiano, se abre para um sentido de fraternidade que faz tornar a autora dona de uma expressão poética bastante peculiar, cujo método fundamental parece o de ser verdadeira antes de tudo.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

O testemunho dos escribas nunca ultrapassou a esfera do barulho verbal. Nunca pretenderam que a palavra passasse de palavra para atuar com eficácia sobre a vida de quem a pronuncia ou de quem a escreve. Por isso os escribas têm apenas por objeto, no que falam e no que escrevem, a confusão generalizada dos espíritos. Aspiram apenas confundir os homens por uma recusa diabólica em salvá-los. Nada querem realmente com a Vida, embora estejam empenhados em propagar a Morte, aos que, só por meio deles, vieram conjugar o verbo morrer.

A Poesia, quando dotada de integridade, também escandaliza. E escandaliza justamente porque está em analogia com o Corpo e o Sangue que se dão íntegros no mistério da transubstanciação. Por isso os escribas se apavoram ao deparar-se com uma Poesia que seja em si própria indivisível, assim como são indivisíveis o Corpo e o Sangue do Divino Senhor. Os escribas só costumam aceitar aquelas coisas passíveis de redução ou de decomposição em partes, por uma recusa em entender qualquer forma de integridade e, conseqüentemente, de admitir um Todo. Os escribas procedem por partes, por se tratarem de seres partidos pela própria natureza. E quando chegam a admitir

alguma coisa, em sua própria inteligência, ainda assim estamos diante de uma concessão e não de uma verdade.

A arte de um Dante, de Blake, de um Baudelaire, de um Rilke, de um Holderlin, de um Nietzsche, de um Novalis, assim como de um Lorca, de um Fernando Pessoa, de um Murilo Mendes e de um Jorge de Lima só aparentemente encontra a compreensão dos escribas. Como tais poetas seriam realmente entendidos por eles, se o sopro que há em suas obras apresenta-se inteiramente incaptável aos que não o trazem dentro de si? Como os meros entendedores das estruturas por si mesmas teriam o dom, se nasceram sem ele, de capturar o sopro que lateja nas suas profundidades? Pois em nenhum desses poetas deixou de se manifestar uma presença poderosa e enigmática que estaria em relação com o próprio Verbo. E o Verbo é não somente indefinível mas também irredutível.

Uma poética que falasse apenas pelas estruturas, ou fosse por elas definida, nunca passaria de uma poética de escribas. E é justamente essa poética devastadora e estéril que vem ocupando um lugar cada vez mais amplo entre nós, sem que, paralelamente, tenha aumentado o número dos que pudessem perceber a farsa e o ludíbrio de

que se sustenta a sua articulação e o seu falso poder. Quando uma poética real seria aquela que nos falasse a linguagem dessa Presença que está na obra de todos aqueles que, mortos ou vivos, foram tomados pela divina inquietação da Palavra que se faz Corpo e Sangue através do mistério que transforma a matéria mais desprezível em forma ou manifestação do Espírito.

Acharão sempre os escribas, com sua coorte de filhos e seguidores, que todas as nossas instituições sobre esse problema realmente grave da Arte não passem de um hermetismo fora de época. E é sumamente interessante que venham a taxar de herméticos precisamente aqueles que, desejando uma comunicação com a Presença, estejam empenhados em fazer com que o mistério possa ser partilhado em lugar de reduzido, ou diminuído, ou dissolvido, ou partido entre os homens. Pois toda arte que se negue ao mistério, ou que dele não tome conhecimento, é arte de escribas. E tal arte jamais perceberá a irradiação eucarística da Presença, que, sem se partir e sem se dividir, se entrega inteira ao não, o espírito, alimentando-o e vivificando-o. Pois é próprio do Dom não se perder ao se dar, mas irradiar-se cada vez mais, à medida que se propaga e que seja participado pelo outro.

SETEIROS DE DEUS, DOÍDOS

JACI BEZERRA

A vida causticada e tão adusta
aceso leopardo que persigo
não sabe, desatada, o quanto custa
escravizar a luz que nos enleia
se corta a nossa vista dos perigos
e entre os ramos de luz nos incendeia
não importa se aberta se acha a estrada
ou se o olhar, arguto, assiste o embate
da visão contra a pedra iluminada
a cada passo nosso salta, oculto,
um aceso leopardo que nos parte
e rói os nossos sonhos inseultos

a minha mão não sente a claridade
nem sente a força estranha dessa fera
que à sua faz dobrar minha vontade

sinto porém que a pedra dividida
antes que finde e acabe a nossa espera
derrama luz nas almas desunidas

sementes de asa e pedra, luz e ramo,
as malhas do leopardo silencioso
nos mostra o quanto amando desamamos
aos seteiros de Deus, nessa viagem
conduzindo cavalos vagarosos

sem pousada encontrar nas estalagens

dói sentir sobre a face, frio, o orvalho
antes do leopardo por os dentes
nos braços da visão, grossos carvalhos

pode a imaginação reter o feixe
do animal luminoso, o leopardo,
tão fugidio e aceso quanto um peixe?

abrindo os olhos sinto tão doídos
que a cidade, plantada à minha frente,
entra ruidosamente em meus ouvidos.

Projeto Vitória vai ao encontro do rurícola



Dentro dos programas de interiorização da Universidade Federal de Pernambuco, destaca-se, na área de Saúde, o Projeto Vitória, abrangendo os municípios de Vitória de Santo Antão, Pombos e Chã Grande. Em convênio firmado em 1975, a Fusam — órgão coordenador do setor de saúde do Estado — transferiu para a UFPE a responsabilidade de administrar o Hospital de Vitória, que passou a ser o núcleo das atividades do Programa de Saúde Comunitária.

Para melhor conhecimento do que é o Projeto Vitória, ouvimos o seu coordenador, Professor Amauri Coutinho, sob forma de questionário.

— Quais os seus principais objetivos

1. Implantação de um sistema integrado de atividades docentes e assistenciais em nível regional;
2. Desenvolvimento de programas docentes, assistenciais, de pesquisa e promoção comunitária orientados à melhoria dos níveis de saúde da comunidade;
3. Desenvolvimento de recursos humanos para a saúde e de metodologia de trabalho adequada à região e que possa servir de modelo para outras áreas do Estado e País de características semelhantes.

A participação ativa da comunidade é idéia central de toda a programação, assim como a Educação em Saúde é considerada atividade básica.

— Onde atua o Projeto?

A área coberta pelo Projeto corresponde à 7ª. Área Programática da 1ª. Região de Saúde do Estado de Pernambuco, constituída pelos municípios de Vitória de Santo Antão, Pombos e Chã Grande, com uma superfície total de 654 km² e uma população de 131.116 habitantes, 61% dos quais de zona rural (Censo 1970 — Projeção 1975). Ao município de Vitória, corresponde 56% da superfície total e aproximadamente 70% da população total possuindo a cidade de Vitória de Santo Antão perto de 50.000 habitantes.

O município de Vitória integra à micro-região da Mata Úmida Pernambucana e os dois outros municípios à micro-região do Agreste Setentrional.

A cidade de Vitória, sede do Projeto, dista 51 quilômetros da cidade do Recife, por estrada pavimentada.

— Por que foi escolhida esta área?

A área do Projeto foi selecionada tendo por base as razoáveis condições físicas das unidades de saúde locais, particularmente o Hospital João Murilo e as precárias condições de saúde da área. Também foi levado em consideração a relativa proximidade e fácil acesso da cidade de Vitória e a representativa variedade de condições de trabalho na área (fábricas de aguardente, usina de açúcar, engenhos, sítios de lavoura e criação, etc.).

— Quais as condições de saúde e de saneamento na área?

Como é de se esperar, os principais problemas de saúde na área estão relacionados com as doenças infecciosas e parasitárias e a sub-nutrição crônica.

Vitória é um dos municípios do Nordeste onde a prevalência da esquistosomose é das mais elevadas (acima de 60%) com presença de formas graves da doença.

O coeficiente de mortalidade infantil é um dos mais altos do País, sendo de 288 p.mil nascidos vivos.

A cidade de Vitória tem aproximadamente 53% da população abastecida por água encanada, Pombos cerca de 30% e Chã Grande 0%.

Não há rede de esgotos em nenhuma das três cidades, porém existe um plano do Estado para instalação imediata do sistema na cidade de Vitória.

— Quais as unidades de saúde que serão utilizadas pelo Projeto?

Em Vitória:

— Hospital João Murilo de Oliveira, da rede Estadual, com capacidade instalada de 130 leitos (bloco de 4 pavimentos) e pequeno ambulatório.

— Ambulatório geral em construção anexo ao Hospital.

— Posto da SUCAM.

— Pequena Casa de Partos em Pirituba (2 leitos).

— Ambulatório do Centro Social de Maués.

— Serviços Odontológicos do Hospital João Murilo e de 2 grupos escolares.

— "Minipostos", a serem instalados na

periferia da cidade e em zonas rurais, para atuação dos Auxiliares de Saúde.

— Outros serviços de saúde, de acordo com entendimentos em cursos;

Em Pombos:

— Maternidade, com 10 leitos e pequeno ambulatório.

— Ambulatório da Usina Nossa Senhora do Carmo.

— "Minipostos", a serem instalados.

Em Chã Grande:

— Maternidade, com 10 leitos e pequeno ambulatório.

— "Minipostos", a serem instalados.

— Qual a estrutura administrativa do Projeto?

São os seguintes os elementos administrativos e técnicos do Projeto?

- a) — Coordenadoria, com um Coordenador e 3 assistentes, constituindo o órgão central de administração;
- b) — Supervisores dos sub-programas, constituídos de professores da UFPE, de diferentes setores;
- c) — Comissão de planejamento e assessoria, composta dos elementos anteriores e representantes de algumas instituições participantes do Projeto, além de representação dos grupos (d) e (e). Reune-se semanalmente;
- d) — Preceptores de ensino, constituídos de jovens docentes contratados para implementar e orientar o treinamento na área;
- e) — Supervisores de grupos comunitários, constituídos de profissionais de diferentes setores da área de saúde e serviço social convocados para atuarem diretamente junto à comunidade;
- f) — Profissionais de saúde, contratados para trabalhar no Projeto; médicos, enfermeiros, nutricionistas, assistentes sociais, etc.;

g) — Comissão inter-institucional, de natureza consultiva constituída de representantes das instituições participantes do Convênio Universidade x Estado;

h) — Conselho de Saúde Comunitária, entidade de caráter representativo da comunidade, ainda não constituída;

i) — Grupos Especiais de trabalho, de caráter transitório, visando estudos específicos.

— Que instituições estão financiando e assessorando o Projeto?

Diretamente:

Universidade Federal de Pernambuco
Secretaria de Saúde/FUSAM.
Fundação Kellogg.
OMS/OPS (ASSESSORIA)

Indiretamente (através de ajuda ao Hospital João Murilo):

FUNRURAL — INPS — IPASE — INAN CEME.

Participando em assessoramento:
Ministério da Saúde — SUDENE — FSESP — SUCAM — Secretaria de Planejamento — CONDEPE — SERPE.

— Quais os Departamentos e Serviços da UFPE, que participam no Projeto?

Hospital das Clínicas — órgão de apoio.
Departamento de Medicina Clínica.
Departamento Materno-Infantil.
Departamento de Medicina Social.
Departamento de Enfermagem.
Departamento de Nutrição.
Departamento de Serviço Social.
Departamento de Odontologia Preventiva.
Departamento de Reabilitação.
Departamento de Neuro-Psiquiatria.
Departamento de Farmácia.
Departamento de Ciências Sociais.
CRUTAC.

— Quais são os campos de atuação do Projeto?

Para efeito programático, foram estabelecidos nove (9) sub-programas indissociáveis, assim definidos:

1. Assistência médica integral nos vários níveis (incluindo assistência a saúde de tipo simplificado).
2. Organização de grupos comunitários para a saúde.
3. Formação de recursos humanos para a saúde.
4. Internato e Residência em Hospital regional-rural.
5. Assistência materno-infantil.
6. Assistência e pesquisa nutricional.
7. Assistência odontológica.
8. Epidemiologia e controle das doenças transmissíveis.
9. Estudos e pesquisas de interesse médico-social.

Cada um destes sub-programas possui objetivos e metas definidas que poderão ser melhor conhecidos pelos interessados, junto à Coordenadoria do Projeto.

— Quais as características gerais do ensino na área?

Neste Projeto, procurando-se aproveitar ao máximo as condições existentes, pensa-se em emprestar ao ensino as seguintes características: enfoque regional; trabalho de equipe e ensino multidisciplinar; formação de profissionais generalistas; abordagem integral no campo de saúde (preventiva, curativa, de promoção e de reabilitação); e ênfase nos aspectos sociais.

Desta forma, ver-se-iam justificados os esforços desenvolvidos para deslocar parte do ensino de sua situação já estabelecida e tradicional em um Hospital de Clínicas onde vem se desenvolvendo há mais de 50 anos.

— Como se pode participar do Projeto?

a) — Em relação a Docentes:

Em princípio, qualquer docente ou técnico da UFPE, Universidade Rural ou Fundação de Ensino Superior de Pernambuco, pode participar do Projeto Vitória, contanto que se mostre motivado por algum dos sub-programas e disponha de tempo.

b) — Em relação a Residentes e Internos.

Há dois (2) tipos de Médicos residentes e Doutorandos-internos que podem participar do Projeto:

I — os que se inscrevem e são selecionados, em época oportuna, para o Internato, por um (1) ano e para Residência, por dois (2) anos de Clínica Geral no Hospital João Murilo;

II — os que estagiam por um período de 2 ou mais meses, como parte do rodízio do programa de Residência ou Internato de Clínica Médica, Pediatria, Obstetria ou Medicina Preventiva de uma das Universidades locais.

c) — Em relação a estudantes estagiários de curso superior.

Existem as seguintes possibilidades:

I — estágios programados pelos vários departamentos ou disciplinas interessadas, do Centro de Ciências da Saúde, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e outros;

II — estágios programados pelo CRUTAC;

III — estágios voluntários, após consultar a Coordenadoria do Projeto.

d) — Em relação a estudantes de cursos técnicos ou de nível médio-auxiliar.

Existem as seguintes possibilidades:

I — estágios de cursos específicos do Projeto: cursos de auxiliares de enfermagem, de atendentes hospitalares, de auxiliares de saúde, de parteiras, etc.;

II — estágios de cursos técnicos locais que se interessem por algum aspecto do Projeto;

III — estágios específicos para treinamento em serviço de pessoal que trabalhe em unidades de saúde da área programática.

Qualquer destas formas de participação, deverá ser precedida por entendimentos com a Coordenadoria do Projeto, a fim de que os programas sejam compatibilizados com os objetivos do Projeto e sejam devidamente avaliadas as possibilidades de transporte, alojamento e alimentação.



Um convênio entre a Universidade Federal de Pernambuco e o Ministério da Agricultura, assinado em princípios de dezembro, proporcionará aos alunos do Curso de Mestrado em Economia da UFPE, uma oportunidade de estudar a política de desenvolvimento rural no Nordeste.

A finalidade do convênio consiste em estabelecer condições para integrar as pesquisas sócio-econômico-agropecuárias que se realizam na UFPE, e os estudos sócio-econômicos do setor agropecuário que vêm sendo realizados pela Subsecretaria do Ministério da Agricultura.

Crutac se renova para continuar

"O Crutac, ao contrário do que alguns pensam, não vai desaparecer. Vai apenas sofrer uma remodelação que, por sinal, é prevista pela Comissão de Assuntos de Extensão (Codae), quando adotará uma nova filosofia quanto à extensão comunitária".

Foi o que disse o professor Geraldo Mariz, diretor do Crutac, falando a respeito da nova política a ser adotada por aquele órgão.

O Crutac acaba de realizar uma Jornada de Estudos sobre Extensão, onde foi analisado o conceito de Extensão Universitária e estudada a participação do docente nesta atividade. Também foi observada a valorização dos elementos de extensão (como estágios, ação comunitária, etc.) nos currículos, como meio de ajudar a melhor formação profissional do estudante.

Ainda foi estudada uma maneira de realizar um melhor entrosamento entre a Universidade e a comunidade, bem como o melhor apoio administrativo ao desenvolvimento das atividades de extensão.

Incentivo à extensão

No Brasil, a Extensão Universitária só passou a ter forma oficial a partir de 1967. Com efeito, de acordo com o decreto-lei 252/67, ficou acertado que "a Universidade em sua missão educativa, deverá estender à comunidade sob forma de cursos e serviços, as atividades de ensino e pesquisa que lhe são inerentes".

Verifica-se, porém, que o cumprimento do texto legal exige adequação da Universidade para responder às solicitações que venham ocorrer. Ultimamente, o Ministério da Educação e Cultura tem incentivado e financiado vários programas de extensão, a fim de orientar e racionalizar uma política educacional. Foi assim que o MEC criou a Coordenação de Atividades de Extensão (Codae), que tem realizado seminários e treinamentos para executivos e administrativos de extensão.

Pois, embora a maioria das universidades brasileiras desenvolvam programas de extensão, ainda não foi efetivamente utilizada a utilização do tripé ensino-pesquisa-extensão como determina a lei da reforma universitária. Salvo poucas exceções, a extensão não tem se apresentado como um campo sistemático de ação dos departamentos universitários.

Por outro lado, a comunidade nem sempre interpreta os trabalhos ali realizados como um processo de integração da Universidade. Assim, a tão desejada integração da Universidade com seu meio não chega a se concretizar de maneira adequada. Geraldo Mariz acredita que esta situação só poderá ser modificada com o estudo, o debate e a troca de experiências entre aqueles que nela estão envolvidos.

Promoções

De qualquer maneira, o Crutac da UFPE vem insistindo no seu trabalho de ação comunitária. Agora no segundo semestre, o Crutac encetou valiosas promoções no bairro do Vasco da Gama, inclusive com a distribuição de um novo tipo de farinha — de alto teor nutritivo —, preparada pelo tecnólogo Augusto de Farias.

Neste mesmo semestre, o Crutac deu bolsas a 110 alunos estagiários, além de ter movimentado 317 candidatos a cursos profissionalizantes.

Extensão Universitária

PAULO JOSÉ BARBOSA

O Ministério da Educação e Cultura, através da sua Coordenadoria de Atividades de Extensão (CODAE), está empenhado em colocar a Extensão Universitária como instrumento básico da Universidade.

Mesmo reconhecida como uma das funções básicas da Universidade, tanto como o ensino e a pesquisa, a extensão, infelizmente, tem sido relegada a plano inferior nos programas universitários. Ninguém desconhece que o seu papel é sumamente importante no contexto educacional, principalmente quando se trata de uma Universidade imbuida de espírito renovador. A Extensão é, timidamente, representada por ações isoladas, muitas vezes não sincronizadas com os currículos escolares, através de programas do tipo CRUTACS, PROJETO RONDON, ESTÁGIOS, CAMPUS AVANÇADOS E AÇÃO COMUNITÁRIA, com maior ou menor intensidade em cada uma das Universidades brasileiras.

A partir da reforma universitária, iniciada em 1966, a Extensão passou a ser considerada como um instrumento importante do Sistema de Ensino, quando então foi exigida como atividade obrigatória, conforme estabelece o Art. 20, da Lei nº 5.540, de 28.11.68: "As Universidades e os Estabelecimentos de Ensino Superior Isolados estenderão à Comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ENSINO e os resultados da PESQUISA que lhe são inerentes".

Em documento apresentado no encontro sobre a Extensão Universitária realizado em Minas Gerais, em 1973, o Prof. MÁRCIO QUINTÃO MORENO, da U.F.M.G., afirmava: "Nas Universidades Brasileiras as atividades de Extensão, quase sempre tem-se limitado ao plano de difusão cultural, por vezes com alto grau de eficiência e excelente qualidade. Todavia, por mais insigne que seja o trabalho de extensão neste campo, ele não esgota a missão difusora que a Universidade deve exercer".

Continuando sua explanação sobre a necessidade de uma política de extensão que atinja inclusive os campos do Ensino e da Pesquisa, o conferencista indica, com relação ao ensino, duas tarefas que a Universidade deve executar com certa urgência:

- realização de programas de especialização e atualização profissional que reabram a Universidade a seus ex-alunos, assegurando-lhe meios de manter-se em dia com o progresso do respectivo campo;
- realização de programas especiais de formação intensiva de pessoal qualificado nos campos exigidos pelo mercado de trabalho.

Com relação ao campo da pesquisa, apontava o Prof. MÁRCIO QUINTÃO,

duas atividades em que a Universidade poderá exercer um papel particularmente útil:

- nos serviços de experimentação educacional destinados a elaborar modelos de escolas, estabelecer tipos de rotinas educativas e projetar materiais didáticos para os diversos níveis de ensino;
- na execução de projetos de pesquisas vinculados aos setores da economia que são mais importantes para o desenvolvimento nacional.

O Prof. NEWTON GONÇALVES, Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal do Ceará, em trabalho apresentado no "II SEMINÁRIO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA", promovido pelo Conselho de Reitores, em Fortaleza, defendeu a necessidade de um órgão coordenador de apoio às atividades de extensão, com estrutura simples e flexível, para definir uma política extensionista.

Não obstante, afirmava que a simples existência deste órgão não é suficiente, pois a verdadeira extensão se faz em nível departamental.

Entre os dados apresentados no trabalho do Prof. NEWTON GONÇALVES, dá para se perceber que a extensão permite o contato da Universidade com a realidade do ambiente e dessa forma contribui para a formação da consciência social do pessoal universitário, seja docente, seja discente.

A Extensão, dessa maneira, pode ser entendida como uma atividade caracteristicamente exterior, mas de duplo efeito, pelo inter-relacionamento universidade-meio, gerador de responsabilidades recíprocas, sendo também consequência do ensino e da pesquisa praticada na Universidade, como complemento das mesmas.

Vê-se, pois, que na base das atividades de extensão, está a mudança de atitude dos professores, que terão com a mesma, uma oportunidade ímpar de melhor servir.

Do trabalho do Prof. ROBERTO GURGEL, da Universidade Federal do Maranhão e atualmente na Coordenação de Atividades de Extensão do Departamento de Assuntos Universitários do M.E.C., sobre Extensão Universitária destacamos os dados seguintes:

"A Extensão Universitária, conforme definição do Plano de Trabalho de Extensão do M.E.C., é a forma, através da qual a instituição de ensino superior estende sua área de atendimento de um modo geral, delas recebendo um influxo no sentido de retroalimentação dos demais componentes

do sistema universitário ou seja o Ensino e a Pesquisa".

Pelo conceito emitido, a Extensão se apresenta como um instrumento de troca de conhecimentos da Universidade com o meio, o que significa assumir o papel não só de função, como também de uma idéia de abertura da Universidade para o meio onde está inserida.

Pelo fato mesmo da sua missão de formadora de homens e do processo de renovação cultural, a Universidade não pode mais ficar alheia ao momento histórico em que se encontra.

No dizer do Prof. NEWTON GONÇALVES, "a Universidade que não se estende, é uma Universidade morta", uma vez que pela interpretação dos interesses do ambiente onde se encontra e em função do momento atual, tem condições de saber o tipo de profissional que deve formar.

O engajamento da Universidade na solução dos problemas da comunidade da qual participa, é imprescindível, e, segundo o Prof. NEWTON SUCUPIRA: "hoje a Universidade não se limita a ser útil à sociedade, através da formação do saber a ser aplicado por outras agências, agora a Universidade se vê diretamente envolvida com os problemas da sociedade e na aplicação de suas técnicas para sua solução. De certo essa nova função apresenta um lado altamente positivo na medida em que estabelece estreito relacionamento da instituição com sua comunidade".

Desse modo, a Extensão deve ser tomada como ação permanente do Sistema Universitário.

E segundo o Prof. ROBERTO GURGEL, "deve ter como ponto de partida da sua programação o Departamento Acadêmico, que também deve ser unidade executora dos programas", uma vez que a lei da Reforma Universitária estabelece, preclitua ser o Departamento, a célula do espírito universitário.

A propósito, dessa posição do Departamento no contexto da Extensão, concluímos, com o conceito mais atualizado de Extensão, fruto do "I TREINAMENTO PARA EXECUTIVO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA", realizado recentemente em Goiânia: "A Extensão Universitária é compreendida como o subsistema universitário baseado na estrutura e na programação Departamental, em função deles como fator de formação dos alunos e como um dos fatores de aceleração do progresso da sociedade, funcionando como mecanismo permanente da renovação de métodos e de conteúdo de ensino, através do processo de retroalimentação gerado pela integração Universidade/Sociedade".

Corintiano: um fenômeno do nosso futebol

A torcida do Corinthians constitui um dos mais estranhos e exuberantes fenômenos do futebol brasileiro. Por que torcer por um time que não consegue ser campeão há quase 23 anos? E por que, mesmo engolfado num oceano de tamanhas desgraças, o time paulista só faz ganhar adeptos? A rigor, não há respostas razoáveis para tais perguntas. Sabe-se, porém, que o Corinthians está entre os maiores times do país, e a sua torcida é, sem qualquer dúvida, a maior de toda a história do futebol brasileiro.



São seis torcidas diferentes e, paradoxalmente, rivais entre si. Mas a maior delas, com 2.500 sócios, chama-se Gaviões da Fiel. A Fiel é como se fosse um time dentro do time. Mas o seu entusiasmo não é sobrepujado por nenhuma das outras cômico. Um simples episódio serve para ilustrar a desesperada, patética paixão dos torcedores do Corinthians. Reinaldo Ribeiro dos Santos, da Fiel, andou 450 quilômetros a pé para assistir ao jogo do seu time contra o do Fluminense carioca. Ele percorria diariamente 100 quilômetros, de preferência à noite, dormia nas encostas da estrada e comia eventualmente. Dinheiro no bolso? Sim, mas apenas a modesta importância de 700 cruzeiros — a ser empregada na compra de ingresso, comida e passagem de volta. Como troféu — uma camisa do Corinthians autografada pelos jogadores do time.

Voltou feliz, pois, como todos sabem, os paulistas derrotaram os cariocas e, merecidamente, passaram à fase final do Campeonato Brasileiro.

Os torcedores corintianos atravessaram os 1.200 quilômetros que separam São Paulo da cidade de Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, só para ver seu time enfrentar o modesto time do Caxias. Na volta, a alegria — o Corinthians obteve uma vitória por uma diferença de dois gols, façanha que, no mínimo, têm contribuído para que os atacantes do futebol brasileiro se esforcem o máximo para marcar.

Como a grande maioria da torcida corintiana não tem condições de viajar de avião, as viagens são sempre feitas de ônibus, kombis automóveis e bicicletas.

As viagens de ônibus são, por exemplo, particularmente penosas. Quando os corintianos vieram ver o jogo do seu time no Recife, contra o Santa Cruz, atravessando 2.800 quilômetros, fizeram, sem dúvida um dos mais dramáticos percursos de suas vidas. Eles vieram num ônibus sem água no lavatório e com apenas duas paradas para refeições. O desconforto foi alarmante quando metade da comitiva teve disenteria.

Mas a torcida do Corinthians não desiste nunca. Certa vez, um de seus adeptos passou dois anos sem falar devido a uma promessa envolvendo o time; ganhou, com isso, o apelido de "Mudinho".

Depois de 1954, quando conquistou, pela última vez, o Campeonato Paulista, o time esteve três vezes numa grande decli-

são. Na última delas, em 1974, tinha tudo para ser o campeão paulista. Mas, desgrazadamente, 123 mil pessoas viram Ronaldo, o ponta esquerda do Palmeiras, liquidar o sonho corintiano.

Agora, porém, sob o comando do competente, matreiro preparador Duque, os paulistas do Parque São Jorge arrebatarem aquilo que, para muitos, não passava de um sonho: o segundo lugar no Campeonato Brasileiro.

Enfim, o time atual do Corinthians pode proporcionar à sua fantástica torcida as alegrias que nenhum outro conseguiu, nos seus últimos 23 anos. Trata-se, na pior das hipóteses, de um time competitivo — o que ficou provado no jogo contra o Internacional, de Porto Alegre, na final do Campeonato Brasileiro.



Munique (INB). Franz Beckenbauer, do FC Bayern, foi eleito agora pela quarta vez o "Futebolista do Ano". Assim, ele conquistou não apenas todos os recordes possíveis na República Federal da Alemanha, mas ele está demonstrando que sabe jogar bola em qualquer traje (foto). Na lista dos recordes desse ídolo do futebol alemão, apelidado de "Kaiser Franz" estão os seguintes: 100 jogos na seleção nacional alemã, quatro vezes "Futebolista do Ano", "Melhor Jogador da Europa", campeão mundial de futebol, campeão europeu, três vezes vencedor da "Copa Europa" e durante onze anos jogador na Liga Federal de Futebol (1ª divisão alemã). Franz Beckenbauer é conhecido pela franqueza, o que nem sempre acontece sem aborrecimentos. Mas a sua palavra é acatada até mesmo pelo treinador da seleção alemã, Helmut Schön, com o qual Beckenbauer já colabora há onze anos, com êxito, e que lhe dá importância especial mesmo se tratando dos interesses da equipe nacional alemã.

As brigas fora das 4 linhas

O futebol profissional envolve uma série de pleno Beira Rio, o que somente prejuízo traria à disputa além das quatro linhas do gramado, representação gaúcha.

Geralmente são fomentadas nos bastidores, por iniciativa dos dirigentes de agremiações, sem se deixar de lado a participação do torcedor, que é o grande receptor — dos erros, acertos e omissões. Daí a preocupação dos chamados "cartolas", no momento em que engendram suas brigas; a reação do torcedor é ponto de chegada e de partida, para que o dirigente alcance os objetivos na defesa — nem sempre — dos interesses do seu clube.

Tais disputas, ora dão certo, levam o dirigente a atingir os objetivos a que se propõe, ora terminam por cair sobre a "cabeça do feiticeiro", como se comenta em linguagem popular. Mas todas elas, bem bobadas ou não, têm o objetivo de levar cada agremiação às grandes vitórias, tolhendo, conseqüentemente, os passos dos seus adversários.

A "guerra" entre os diretores do Internacional, de Porto Alegre, e do Corinthians, de São Paulo, durante a semana que antecedeu ao grande clássico pela disputa do título de campeão brasileiro de 1976, é um exemplo. Foi uma tremenda "guerra de nervos", com ameaças em ambas as partes: corintianos queriam comprar ingressos e os adeptos do Internacional lhes negavam esse direito, dentro do raciocínio de "que seria entregar o ouro ao bandido". Em outras palavras: a liberação dos ingressos significaria ao Internacional contar com milhares de torcedores do Corinthians incentivando sua agremiação em leiro.

Admitem os observadores que a "guerra de bastidores" é válida, pelo menos no que diz respeito à motivação dos espetáculos, atraindo multidões aos estádios. Quando são feitas dentro de critérios, com respeito aos direitos do adversário, fazem parte do contexto do nosso futebol. A ponto de o torcedor já sentir necessidade de tais motivações, sobretudo nos dias que antecedem aos grandes jogos, decidindo títulos ou classificação.

Há também a "guerra" das torcidas organizadas. Neste caso, a coisa muda um pouco de figura, é uma auto-motivação, o torcedor querendo somar algo mais a fim de levar o seu time à vitória. Trata-se então de uma disputa válida, necessária, pois sem público, não há espetáculo.

Em Pernambuco, as três principais agremiações do futebol profissional — Náutico, Esporte e Santa Cruz — contam com torcidas organizadas. Nos dias de clássico, elas se encarregam de conferir um colorido especial, com charangas, bandeiras, papel picado, buzinas, contagiando de alegria e explosão os nossos estádios. Dentro das quatro linhas, os atletas sentem-se estimulados, fazem questão do calor da sua torcida, que nem sempre é correspondida nas mesmas proporções, isto é, os atletas, por motivos inconfessos, às vezes não "dão conta do recado", para tristeza dos milhares de torcedores. Tudo isso caracteriza o futebol brasileiro.

Folclore

ANGELA DELOUCHE

No tocante à oralidade, chamando-se assim ao fato de o folclore se transmitir por imitação ou de boca em boca, é irrecusável, porque nem o povo, nem o primitivo têm outros meios de transmissão. Uma exceção se pode fazer para a literatura de cordel, mas esta, de certo modo, não exclui a oralidade, porque os folhetos em questão são muitas vezes lidos por alguns e divulgados oralmente pelos que os ouviram.

O POPULAR DO NATAL

O mês de dezembro é, talvez, o mais característico sob o ponto de vista folclórico. Algumas das muitas influências religiosas do Natal portugueses trazidas para o Brasil, aqui se aculturaram, produzindo a nossa "Noite de Festa", uma celebração aberta, no pátio da igreja, na noite tropical, bem diferente da frígida noite lisboeta decorrida ao calor da lareira.

Daí que os pastoris, os mamulengos, o bumba-meu-boi vêm encher a noite de ruídos e de alegrias enquanto se aguarda a "missa do Galo", em altar transposto para o lado de fora da igreja.

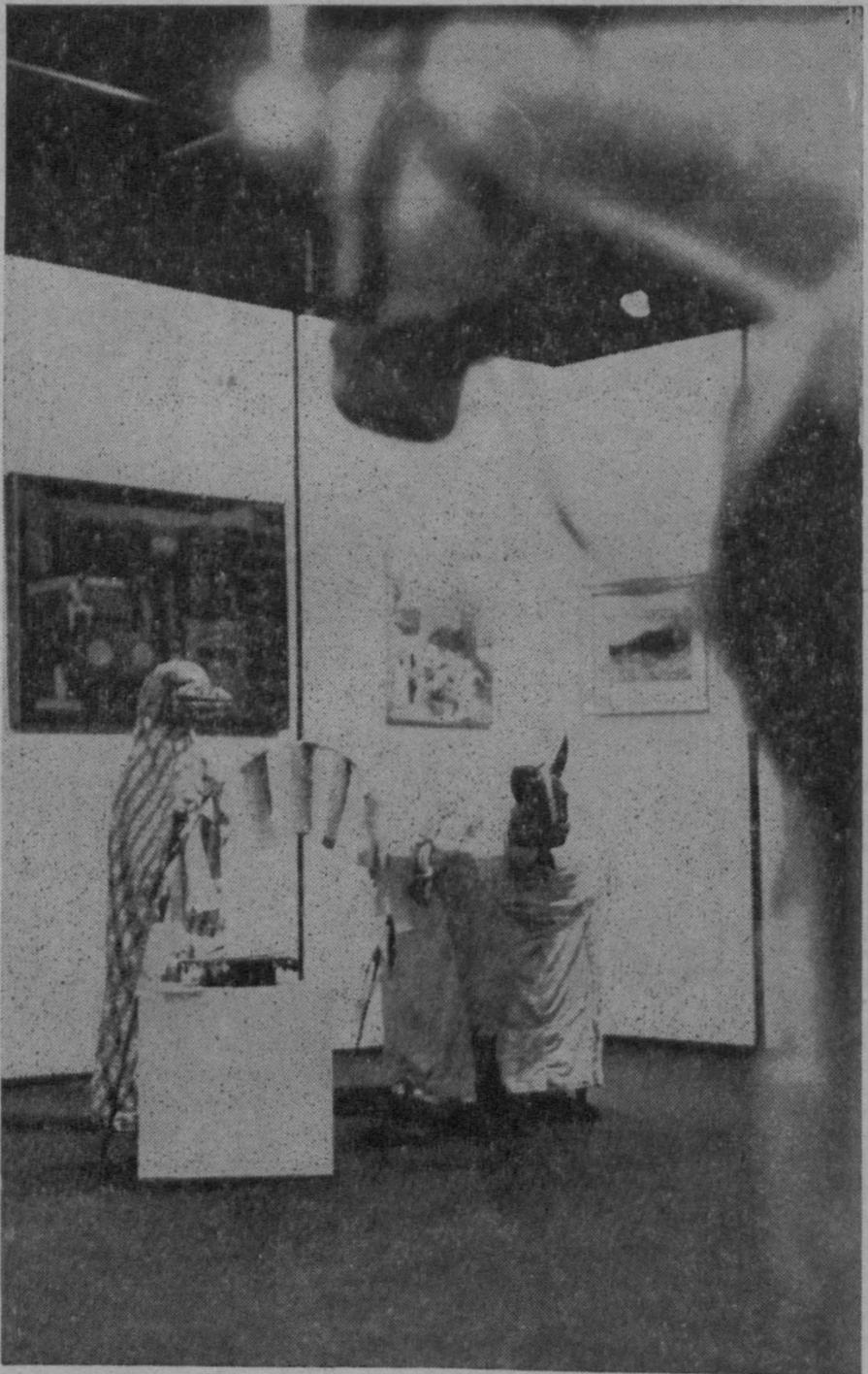
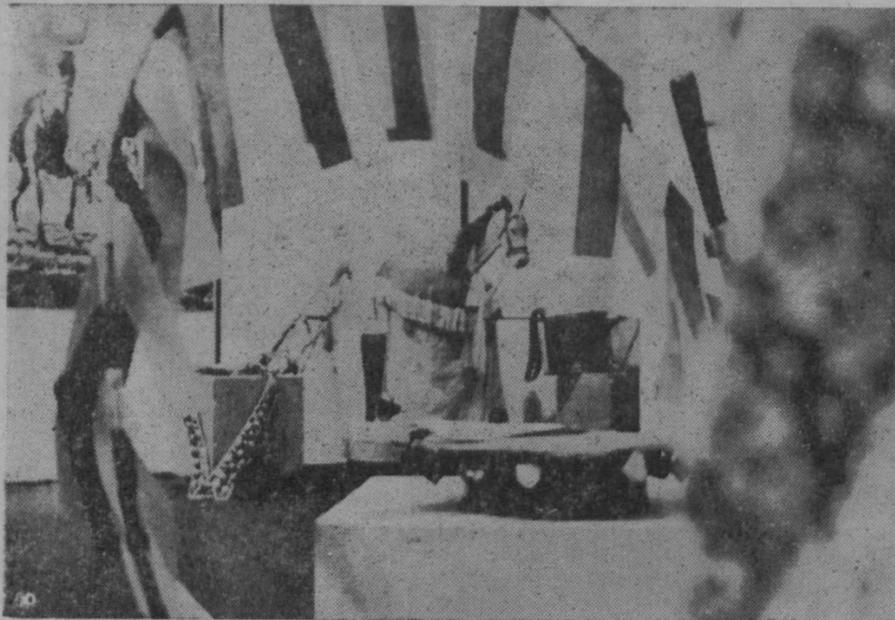
O Ciclo natalino tem início às vésperas da festa da Conceição (8 de dezembro) e vai até o dia 6 de janeiro, festa dos Reis Magos, os três astrólogos orientais que, guiados por uma estrela, vieram a Belém, adorar o Menino Jesus, recém-nascido.

A 13 de dezembro temos a festa de Santa Luzia, protetora dos olhos. Nesse dia não se costura, muito querida, Santa Luzia está envolta em muitas crenças, como a que prediz o próximo inverno, chamada "experiência de Santa Luzia", assim o dia 14 significa janeiro, o dia 15 fevereiro e assim por diante, até o dia 25. Quando nos primeiros dias caem chuvas podemos ter a certeza que o inverno vai ser bom, se aqueles dias são de sol a pino o próximo ano vai ser seco, ruim para a lavoura.

A noite de Natal ainda conserva um pouco de sua antiga tradição nas cidades do Interior. Os autos e cantos do ciclo natalino remontam ao alvorecer da Idade Média, época em que os natais eram produções em verso destinadas a celebrar o nascimento do Menino Jesus, e confundiam-se com as composições sagradas — informa-nos Melo Morais Filho. Os trovadores seguiam as procissões e, ao retornar à igreja, cantavam em torno da lapinha, isto é, o Presépio, cena estática do nascimento. Vestiam-se de pastores, de reis magos cantavam e dançavam em torno do berço de palhas do Messias. Mais tarde os bretões adotaram essas festividades já difundidas na península ibérica e posteriormente por toda a Europa, variando de região a região mas conservando o cunho original. Os portugueses nos legaram esses usos que em contatos com a terra e seus habitantes tomaram formas inusitadas, agora em franco declínio, certamente em ritmo acelerado de transformações.

As Janeiras

As janeiras eram celebradas na passagem do ano em Portugal. Eram constituídas de grupos, cantando e pedindo esmola de dinheiro, frutas, bolos e doces que depois eram devorados alegremente. No Ceará os versos "Janeiro vai/ Janeiro vem/ Feliz daquele/ A quem Deus quer bem" foram encontrados por Gustavo Barroso, seguidos desses outros: "Janeiro vinha/ Janeiro ia/ Deus nos



proteja/ E a Virgem Maria". Isto significa que penetrou no Nordeste embora não se tenha aí radicado nem se aculturado.

Os Reis Magos

Encerrando o ciclo natalino vem a festa de Reis, no dia 6 de janeiro, ocasião para grandes festividades, antigamente.

"Oh de casa gente nobre
Escutai e ouvireis:
Que das bandas do Oriente
São chegados os três Reis"

Esses versos, de origem portuguesa, foram aqui, no Recife, cantados na celebração de Reis pelos pretos do bairro comercial do porto, os carregadores de mercadorias. Formavam grupos, ou seja, as companhias, dirigidas por um mestre que se encarregava do pagamento semanal. Havia ainda as corporações, formadas por carregadores de caixas de açúcar, comandadas por um "governador". A festa de Reis era celebrada ruidosamente por estes carregadores das companhias e das corporações, conforme registra Pereira da Costa.

Da Culinária

Das tradições natalinas as que mais se conservam são as referentes às comidas: porcos e perus assados assim como bolos de mandioca, — farinha de trigo só para os sequeiros — tapiocas e bolos de goma obrigatórios.

Câmara Cascudo registra a doçaria secular, "espécimens ainda de sabor árabe". Com certeza não está entre estes o doce de coco verde, isto é, o baba-de-moça que deve ser invenção bem nossa, bem cabocla. Neste mesmo caso estão as cocadas, sobretudo as pretas feitas com açúcar de engenho, raridade agora, que a usina engoliu o engenho.

Mas há um fruto espetacular, nosso: o caju, cujo doce é uma gostosura, da castanha nem é bom falar, além de sabor delicioso é ingrediente obrigatório na cobertura açucarada das tortas e de mais uma infinidade de quitutes. A passa de caju suplanta qualquer outra estrangeira que há por aí. As mulheres praieiras parece, especializaram-se na feitura dessas passas, de cajus escolhidos, pequenos, secos ao sol adquirem a cor marrom escuro, quase preto, são incomparáveis.

Divertimentos de Rua

Fandangos, Bumbas-meu-boi e pastoris eram folguedos populares do ciclo natalino. O nivelamento trazido pela comunicação fácil, os ruídos dos auto falantes abafam um pouco a música soturna dos folguedos populares. Mas eles existem ainda, um pouco em declínio, em fase acelerada de transformações como o pastoril de que nos ocupamos anteriormente.

Shakespeare na televisão inglesa!
A notícia, veiculada de maneira intempestiva pela imprensa brasileira, poderia, no mínimo, surtir o seguinte efeito: despertar, entre nós brasileiros, o máximo interesse por uma televisão de relevante conteúdo cultural.

Pois Shakespeare na TV significa, quer queiram quer não aqueles que consideram cultura uma coisa maçante, o abrandamento da brutalidade que anda corroendo mental e visualmente milhões de telespectadores pelo mundo afora.

Sim, enganam-se aqueles que supõem ser a televisão brasileira a pior do mundo.

Não é sequer a pior do Ocidente. Tampouco a pior da América. A revista VEJA trouxe, há pouco tempo, alguns subsídios a respeito do assunto.

A reportagem revelou que, apesar de suas poderosas tradições culturais, telespectadores franceses, italianos e mesmo norte-americanos vivem mergulhados nas piores mediocridades. Há, ainda, uma referência à televisão argentina — que, por sinal, é mais ou menos parecida com a brasileira.

Lá, como aqui, os programas humorísticos são confeccionados à base de grosseria, sem necessária dose de sutileza, sem as gags e frases que, quando assumidas com inteligência, fazem as delícias de qualquer espectador de bom gosto.

Shakespeare na TV... A BBC de Londres, promotora do empreendimento, vai gastar uma apreciável fortuna para concretizar a idéia — mas, ao fim e ao cabo, milhares de telespectadores londrinos terão o prazer de compartilhar, alguns pela primeira vez, das dúvidas metafísicas alimentadas pelo "herói" Hamlet.

Melhor, muito melhor do que experimentar o êxtase destilado pelas mocinhas inconsequentes que frequentam os programas de auditório do animador Silvio Santos. Muito melhor do que absorver os "conhecimentos" transmitidos pela Rede Globo em seu programa 8 ou 800.

Afinal, nada como recompor os mais altos valores espirituais.

De Babenco a Glauber



Qual a melhor opção para o cinema brasileiro: Xica da Silva, de Carlos Diegues? Ou o excelente Lição de Amor, de Eduardo Escorel? Dona Flor e Seus Dois Maridos, de Bruno Barreto? Ou o exuberante O Rei da Noite, de Hector Babenco? Ora, os caminhos são inumeráveis — tão inumeráveis que, à revelia do Destino, até um portenho pode constituir uma significativa parcela da solução final.

Quem é Hector Babenco? Mais que um argentino (e, ao mesmo tempo, um argentino até à medula), 30 anos de idade, Babenco, o argentino Hector Babenco, jovem e já dotado de uma desconcertante experiência, resolve acrescentar à cinematografia brasileira, sem que ninguém lhe tivesse pedido, um filme: O Rei da Noite, aristocrático, popular, lírico, dramático. Por outro lado, os elementos de pura cafonice, facilmente observados no trabalho de Babenco, são uma comovedora alusão a um certo mau gosto paulista.

Babenco não pretendeu traçar um perfil do pequeno-burguês de Buenos Ayres, e sim, do pequeno-burguês de São Paulo. Contudo, os sonhos do personagem central do filme de Babenco, o boêmio Tertuliano Jatobá da Silva, não diferem em muito daqueles vividos por um habitante da Buenos Ayres dos anos 20.

Dizem que algumas feministas detestaram o filme. Os motivos são óbvios — a imensa galeria de mulheres sacrificadas no altar de Tertuliano. Mas este é tão vítima quanto todas essas mulheres. Há uma seqüência, preciosa sob todos os pontos de vista, em que ele se reflete num espelho, e percebe, então, as marcas do sofrimento no seu rosto envelhecido.

Ao sair da prisão, cabelos brancos, olhos fundos e rosto depressivo, Tertuliano (Paulo José, num desempenho luminoso) acaba de cumprir a derradeira fase de uma vida que, não sendo melhor nem pior que outras vidas, serve, em último caso, de grandiloquente exemplo cinematográfico.

Glauber Rocha? Ah, Está Louco

Não é difícil ouvir pessoas duvidando da sanidade mental do baiano. impulsivo, contraditório, barroco (tropeçalista, preferem alguns), o diretor de Terra em Transe já deu mil e uma explicações que pouco têm a ver com suas antigas e explosivas posições. Incoerências? Talvez. Contudo, o próprio Glauber Rocha, numa entrevista à revista VEJA, acabou por disparar mortíferas setas contra aqueles que, incapazes de um brilhantismo igual ao seu, exigem dele absoluta coerência.

Glauber Rocha é um caso difícil de ser explicado. Autor de uma não muito longa mas retumbante série de filmes, passou alguns anos na Europa — onde, sem dúvida, a convivência com famosos e competentes colegas de profissão deve ter contribuído para o aprimoramento de sua formação artística — e, retornando ao Brasil, tratou de investir contra posicionamentos que, à falta de uma melhor classificação, considerou caducos e reacionários.

Senão vejamos: numa outra entrevista, agora ao semanário MOVIMENTO, disse que Machado de Assis era ultrapassado. E mais: que ele, Glauber, não encontraria o mínimo entrave para fazer o filme que bem quisesse e entendesse.

Algumas pessoas acham que o diretor está apenas se divertindo. Outras, porém, diante dos bombásticos elogios feitos pelo baiano a Xica da Silva, de Carlos Diegues, preferem acreditar que ele está realmente louco.

Louco ou não, Glauber Rocha é um profissional cuja opinião não deve ser menosprezada. Suas teorizações deixam, no mínimo, o que pensar.

A MOVIMENTO, por exemplo, o diretor chamou a atenção para o fato de que, no Brasil, as pessoas ainda se valem de "uma linguagem velha", nitidamente associada a "uma retórica subdesenvolvida e superada que a realidade econômica e social do mundo já não comporta".

Nada mais certo — embora Glauber Rocha nem sempre mantenha essa salutar linha de raciocínio crítico. Quando ele diz que Machado de Assis é responsável por certas restrições impostas ao livre curso da atividade artística, pois o grande escritor brasileiro impõe "um tabu lingüístico, tremendamente moralista e conservador", a primeira coisa que nos ocorre é fazer uma revisão da obra do romancista carioca.

Em segunda, que decepção!, não concordamos com Glauber Rocha — aliás, concordar ou discordar não passa

de um mero atributo decorrente desse ato tão raquítico nos dias de hoje: o ato de pensar.

Mas Glauber Rocha pensa. Ele pode não atinar com a maneira de resolver todos os nossos problemas — políticos, econômicos, sociais e, principalmente, artísticos — mas, em último caso, é capaz de levar muitas pessoas a questionarem assuntos que, intocáveis, jamais receberiam a mínima luz.

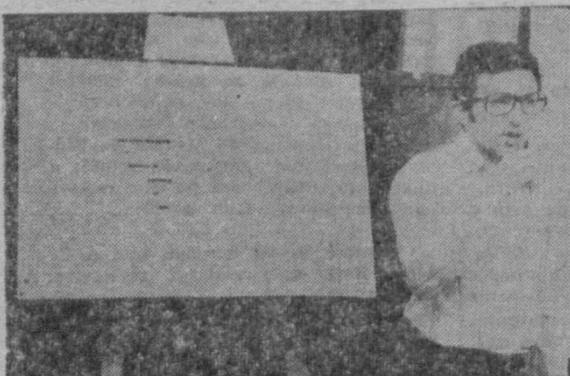
Fora do Brasil, Glauber Rocha dirigiu cinco filmes: O Leão de Sete Cabeças, realizado em 1969 na África; Cabeças Cortadas, rodado em 1970 na Espanha; História do Brasil, concebido entre 1972 e 1974 e que, segundo ele, é "uma espécie de documentário sobre os quase cinco séculos de história do Brasil"; Câncer, um filme underground; e, finalmente, Claro, "um passeio audiovisual sobre Roma", feito em 1975.

Glauber Rocha acredita que o Cinema Novo está cada vez mais vivo. Inclusive, ele próprio já iniciou as filmagens de A Idade da Pedra, no qual continuará a temática abordada em dois de seus filmes anteriores — o belo Deus e o Diabo na Terra do Sol e Terra em Transe. O Guarani, baseado na ópera de Antônio Carlos Gomes, ele pretende filmar nos próximos dois anos.

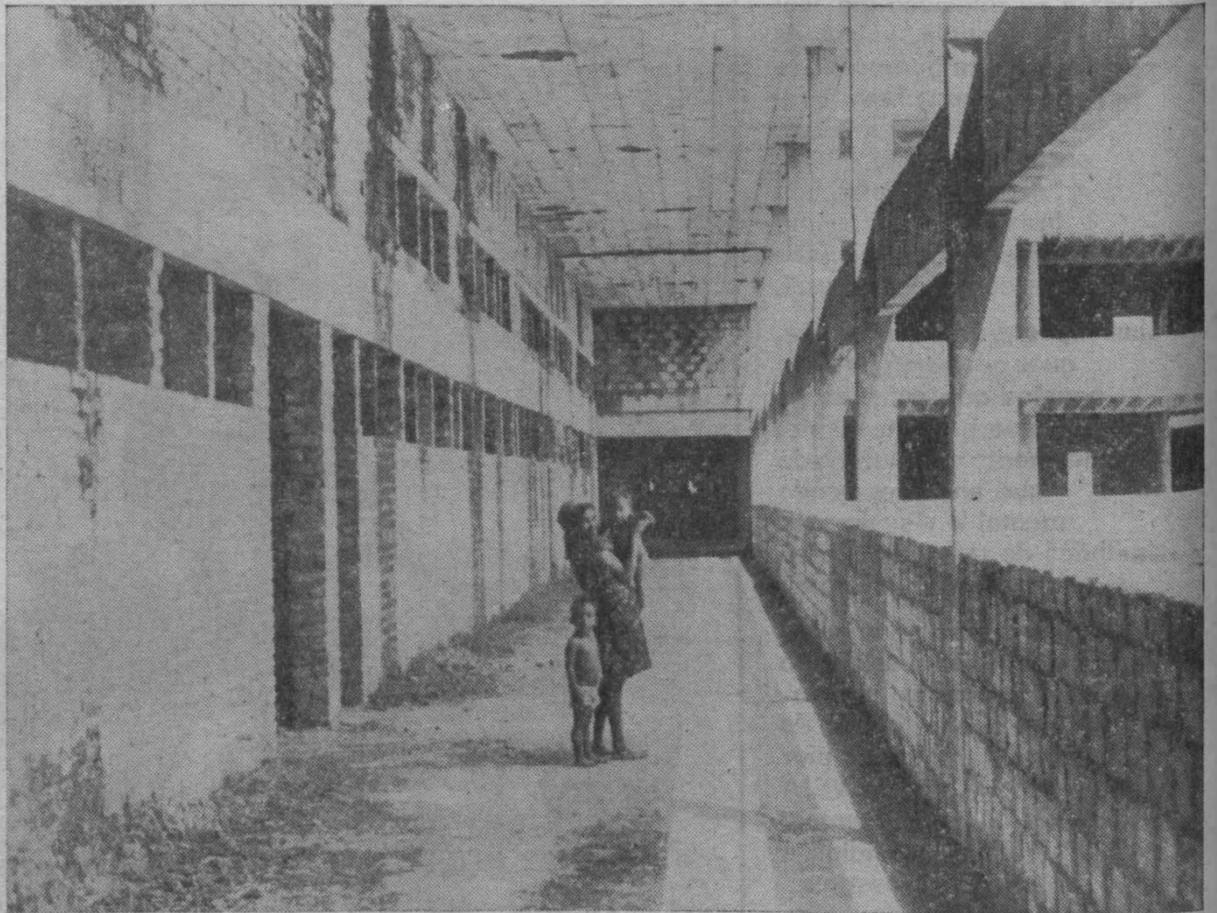
Centro de Saúde passa de sonho para a realidade

Dentro de mais alguns meses — pelo convênio assinado a obra estará concluída, impreterivelmente, em 1978 —, quem passar pela BR-101, em qualquer direção (Norte ou Sul), não verá mais o velho esqueleto de cimento e tijolo, que há mais de 20 anos vinha enfeando a paisagem da Cidade Universitária e se constituindo verdadeiro desafio aos dirigentes da Universidade Federal de Pernambuco. No mesmo lugar, e com aproveitamento da maior parte da antiga estrutura, operários trabalham, intensivamente, sob a coordenação dos técnicos, para que o Centro de Ciências da Saúde seja uma realidade.

O velho sonho dos primeiros dirigentes da UFPE, não passou mesmo de sonho, ao longo desses anos, já que a importante obra sofreu solução de continuidade. Somente agora, com o apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura, através da PREMESU (Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior) — a dotação é de Cr\$ 132 milhões —, é que professores e estudantes passarão a contar com um dos mais modernos centros de saúde da Região, permitindo a incrementação do ensino e da pesquisa e, ao mesmo tempo, maior assistência médico-hospitalar à população, que terá mais 350 leitos.



O arquiteto Arquimedes expõe o projeto do Centro de Saúde.



METODOLOGIA

A metodologia utilizada na obra está fundamentada em conceitos da técnica de programação de saúde para o setor público, elaborado pelo Centro de Estudos Del Desarrollo da Universidade Central da Venezuela com a colaboração da oficina sanitária Panamericana (Cendes/OPS)

Congregará todas as unidades da área de saúde, e a relação aluno-leito é esta: Medicina — 2,5; Enfermagem — 0,6; Nutrição — 0,5; Odontologia — 0,4; Farmácia — 0,6; e Reabilitação — 0,4. Haverá nada menos de 87 consultórios médicos.

Os serviços da obra compreendem: planejamento hospitalar — desenvolvendo Plano Funcional e Programação; Planejamento Arquitetônico — que engloba as fases de Anteprojetos e Projetos definitivos; instalações hidro sanitárias, elétricas, telefônicas, ar comprimido, elevadores, ar condicionado, etc.

O Consórcio PROJEST/HAS, contratado pela Universidade, tem larga experiência no ramo de Projetos Hospitalares e de Instalações, inclusive na área acadêmica, apontando-se entre suas diversas realizações, ampliações efetuadas no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, Hospitais Gerais e Pronto Socorros.

Resultantes de estudos procedidos no âmbito da Universidade para dimensionamento das necessidades de funcionamento do Centro de Ciências da Saúde (CCS), com o aproveitamento da estrutura cuja construção fora iniciada há mais de 20 anos, foi promovido um processo de licitação logrando adjudicação o Consórcio PROJEST — Engenharia e Projetos Ltda/HAS Arquitetura e Engenharia S/C o qual se encarregará do Planejamento Hospitalar e Arquitetônico daquele Centro.

A construção do HC fora projetada como uma das primeiras unidades da Cidade Universitária. As obras, no entanto, sofreram três paralisações, permanecendo o esqueleto como um verdadeiro desafio às autoridades, o qual serviu de abrigo, ao longo desse tempo, a mendigos e famílias sem as mínimas condições de subsistência material, vindas dos

alagados e morros da Capital pernambucana. Foram todas elas evacuadas, para abrigos e casas populares, após levantamentos sociais feitos por uma comissão designada pela Universidade.

O projeto arquitetônico ficou a cargo do arquiteto Mário Russo, da então Universidade do Recife. Tratava-se de um projeto ambicioso. Coube ao Professor Álvaro Celso Uchoa Cavalcanti, com assistência do Professor Geraldo Vieira, a elaboração do cálculo inicial daquele que seria um majestoso prédio. Os trabalhos foram logo iniciados sob a responsabilidade da Construtora Borrione S/A.

Os trabalhos sofreram solução de continuidade e, aos olhos dos leigos, a alegação era de que a estrutura estava condenada, teria sido projetada de forma errônea. Mas a verdade é que se deve à falta de verbas, tal retardamento. Previa-se, inicialmente, 436 leitos distribuídos em seis blocos e num Pavilhão Mecânico.

Para os dirigentes da então Universidade do Recife, a luta não se encerrava ali, diante das dificuldades que surgiram. Por isso, nos idos de 1959/1969, 10 anos, portanto, após a cerimônia da pedra fundamental, com o esforço dos arquitetos Nadaluci e Valdetaro, através da Formisa, foram introduzidas algumas alterações do projeto inicial da obra. Mas ficou aí, eis que nova paralisação se impôs. Algum tempo depois, a obra foi reiniciada, sofrendo nova paralisação, em 1965, a qual se estendeu até a presente data quando, com o apoio do MEC, através da PREMESU os trabalhos foram reiniciados, dentro de um planejamento racional, objetivo e definitivo, o que leva o Reitor Paulo Maciel a garantir a sua conclusão em 1978.

Todo trabalho de caráter técnico está a cargo da Pró-Reitoria de Planejamento da UFPE, à frente o Prof. Leonides Alves da Silva Filho, que conta, para tanto, com o assessoramento do arquiteto Arquimedes Lustosa e Silva, entre outros técnicos.

De acordo com a Reforma Universitária, o Hospital será o Centro de Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, congregando todas as unidades de ensino e pesquisa dessa área.